



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

Departamento de Linguística e Literatura
Curso de Mestrado em Linguística

**Implicações sintácticas da co-ocorrência das extensões causativa e
passiva em Ciwutee**

Candidato: Joaquim João Razão

Supervisor: Prof. Doutor David. Langa

Maputo, Novembro de 2017

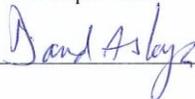
Implicações sintácticas da co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de **Mestrado em Linguística** na Universidade Eduardo Mondlane por **Joaquim João Razão**.

Departamento de Linguística e Literatura
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

O Supervisor: Prof. Doutor David Langa

Maputo, Novembro de 2017

O Júri			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	
			25/04/2018

Índice

Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Lista de abreviaturas usadas.....	vii
Lista de tabelas.....	ix
Agradecimentos.....	xi
Dedicatória.....	xiii
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	1
1.1. O Ciwutee	2
1.2. Objectivos da Pesquisa	5
1.2.1. Geral.....	5
1.2.2. Específicos.....	5
1.3. Problema de Investigação.....	5
1.4. Hipótese.....	6
1.5. Relevância do estudo.....	6
1.6. Quadro teórico	7
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	13
2.1. Abordagem	13
2.2. Métodos.....	13
2.3. Método filológico.....	13
2.4. Método de introspecção.....	14
2.5. Método de entrevista.....	14
CAPÍTULO III: REVISÃO DA LITERATURA.....	16
3.1. Estudos anteriores sobre Ciwutee	16
3.2. CONCEITOS OPERATÓRIOS	17
3.2.1. Sintaxe.....	17
3.2.2. Morfologia	18
3.2.2.1. O lugar da morfologia na linguística.....	19
3.2.2.2. Estrutura verbal das línguas bantu.....	22
3.2.3. Raiz.....	30
3.2.4. Radical	31
3.2.4.1. Radical derivado	32

3.2.4.2. Radical não derivado	32
Tabela 3: Estrutura verbal, Meeussen (1967).....	34
Tabela 4: Estrutura verbal, Mutaka e Tamanji (2000)	34
3.2.5. Classes e prefixos nominais	36
Tabela 5: Classe e prefixos nominais de Ciwutee.....	36
CAPÍTULO IV: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.	39
4.1. As extensões causativa e passiva em Ciwutee e sua incorporação.....	39
4.1.1 As extensões causativas (*-i/-ici-; -is-) em Ciwutee.....	44
4.1.1.1. O processo de harmonia vocálica.....	45
4.1.1.2. Causativa morfológica	47
4.2. Extensão passiva (*-u/-ibu-; (i)w-) em Ciwutee.....	51
4.2.1. Extensão passiva em verbos transitivos de valência II.	53
4.2.2. Extensão passiva em verbos transitivos de valência III.....	55
4.2.3. Extensão passiva em verbos intransitivos.....	56
4.3. Co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee à luz do PE.....	59
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	71
5.1. Conclusões	71
5.2. Recomendações	72
BIBLIOGRAFIA.....	73
ANEXO	xi
Ficha de recolha de dados	xii

Resumo

O presente estudo tem como objectivo geral testar as implicações sintácticas da co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee à luz do Princípio de Espelho (PE) de Baker (1988). A co-ocorrência das extensões causativa e passivas à luz do PE foi testada para se estabelecer a ordem em que estes morfemas ocorrem e as suas implicações sintácticas. A ordem de extensões é susceptível à restrições de ordem semântica, morfológica e sintáctica. Neste sentido, nota-se que a ordem de co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee é sempre CAUS-PAS e não PAS-CAUS, o que mostra que a ordem de ocorrência das extensões verbais reflecte a ordem de ocorrência das unidades sintácticas.

Para alcançar os objectivos do estudo analisou-se, em parte, a ocorrência das extensões causativa e passiva em verbos transitivos e intransitivos de radicais com estrutura do tipo -C-,

-CVC- ou mais longa.

Neste processo verificou-se, ainda, três evidências: 1. há alteração estrutural ao nível da estrutura morfológica na palavra formada (output); 2. Os morfemas causativo e passivo alteram o mapeamento sintáctico e 3. Tendo em conta os papéis temáticos, a ordem dos morfemas (causativo e passivo) espelha a ordem de ocorrência de *desencadeador* e *afectado*.

Num verbo transitivo causativo em Ciwutee, o objecto primário com o papel temático de afectado/beneficiário (alvo), na ordem básica, ocorre imediatamente a seguir ao verbo causativo. Portanto, existe uma hierarquia temática que deve ser obedecida: agente (causador)> afectado/beneficiário/malficiário/paciente (causado)> tema> locativo> (instrumento).

Palavras-chave: Extensões verbais; Morfologia e Sintaxe.

Abstract

The general objective of the present study is to test the syntactic implications of the co-occurrence of the causative and passive extensions in Ciwutee in the light of Baker's (1988) Mirror Principle. The co-occurrence of the causative and passive extensions in the light of MP was tested to establish the order in which these morphemes occur and their syntactic implications. The order of extensions is susceptible to semantic, morphological and syntactic constraints. In this sense, it is noted that the order of co-occurrence of the causative and passive extensions in Ciwutee is always CAUS-PAS and not PAS-CAUS, which shows that the order of occurrence of the verbal extensions reflects the order of occurrence of the syntactic units.

In order to achieve the objectives, the occurrence of causative and passive extensions in transitive and intransitive verbs of radicals with a type structure -C-, -CVC- or longer were analyzed.

In this process, on the other hand, three evidences were shown: first, there is structural alteration at the morphological level in the formed word (output); second, the causative and passive morpheme alter the syntactic mapping and, third, taking into account the thematic roles, the order of morphemes (causative and passive) mirrors the order of occurrence of the trigger and the affected one.

In a causative transitive verb in Ciwutee, the primary object with the thematic role of affected / beneficiary (target) in the basic order occurs immediately after the causative verb. Therefore, there is a thematic hierarchy that must be obeyed: agent (causer)> affected / beneficiary / malficiário / patient (caused)> theme> locative> instrument.

Keywords: Verbal extensions; Morphology and Syntax.

Lista de abreviaturas usadas

3PS	3ª Pessoa do singular
AFECT	Afectado
C	Consoante
CARP	Causativo, Aplicativo, Recíproco e Passiva
CAUS	Causativo
CAUS-PAS	Causativo-Passivo
CP	Causativo Passivo
CV	Consoante Vogal
CVC	Consoante vogal consoante
Exts	Extensões
GEN	Genitivo
GEN”	Sintagma Genitivo
GGT	Gramática Generativa Transformacional
GLF	Gramática Léxico-Funcional
H	Homens
IFP	Instituto de formação de Professores
M	Mulheres
MO	Marca do Objecto
MS	Marca do Sujeito
N”	Sintagma Nominal
N”	Sintagma nominal
OBJ	Objecto
OP	Objecto Primário
OS	Objecto Secundário
PAC	Paciente
PAS	Passivo
PSD	Passado

PSUDP	Pseudo-passiva
PB	Proto-Bantu
PCV	Princípio de Categorias Vazias
PE	Princípio de Espelho
PL	Plural
PREFS	Prefixos
PRES	Presente
RG	Respostas Gramaticais
RAG	Respostas Agramaticais
Rad. V	Radical verbal
Raiz V	Raiz verbal
SG	Singular
SUJ	Sujeito
T	Tema
TRL	Teoria de Regência e de ligação
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
V''	Sintagma Verbal
V-CAUS	Verbo-causativo
VF	Vogal Final

Lista de tabelas

Tabela 1: Perfil do informante	15
Tabela 2: Quadro comparativo das Extensões verbais.....	26
Tabela 3: Estrutura verbal, Meeussen (1967).....	34
Tabela 4: Estrutura verbal, Mutaka e Tamanji (2000).	34
Tabela 5: Classes e prefixos nominais do Ciwutee.	36

Declaração

Declaro, por minha honra, que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito. É resultado da minha pesquisa pessoal, estando incluídas ao longo do texto e na bibliografia as fontes bibliográficas por mim utilizadas.

O candidato

Joaquim João Razão
(Joaquim João Razão)

Agradecimentos

Um trabalho como este não teria sido possível se não tivesse sido orientado por pessoas que, de forma directa ou indirecta, deram-me seu apoio e contribuição para a concretização do mesmo. Por isso, é chegada a hora de agradecê-las por tudo o que fizeram e ainda farão por mim.

A Deus e aos meus antepassados pelo dom da vida, pela saúde e por me ajudarem, mais uma vez, a realizar este sonho.

Aos meus pais, João Razão e Isabel Zuada João, que me ensinaram a respeitar as diferenças por terem incutido em mim o gosto pela ciência, pela cultura Wutee e pelas outras culturas e ainda por serem a minha fonte de inspiração diária. A eles devo o que sou e o que serei no futuro, por isso digo-lhes: obrigado!

À Direcção Científica da Universidade Eduardo Mondlane pela bolsa de estudos.

Ao meu supervisor, Prof. Doutor David Langa, que tem sido a luz e parte do que tenho feito em torno deste trabalho, na convivência académica e social!

Ao meu regente Prof. Doutor Feliciano Chimbutane, que me ensina o saber ser, estar e fazer na carreira docente. Foi ele que me iluminou no caminho da Gramática Generativa. Obrigado por me ter proposto estudos em morfossintaxe e por se dedicar à minha formação académica.

À minha família nuclear, Domingas Binze e aos meus filhos, Guitai J. Razão, Florêncio J. Razão, Domingos J. Razão, Isac J. Razão, Laura Domingos e a todos os membros da etnia Chasara pelo amor e compreensão, por aceitarem o desafio da distância, e partilhar a minha atenção com a tela do computador e, ainda, por terem suportado o momento triste que nos abalou durante a minha formação fazendo tudo para que eu continuasse a olhar para frente.

Ao meu irmão Guitai J. Razão, que acreditou em mim e aceitou partilhar o pouco que tinha para financiar os meus estudos na graduação.

O meu muito obrigado aos meus irmãos, primos, tio e sobrinhos pela compreensão da minha ausência nos convívios e pelo incumprimento de algumas obrigações familiares.

Aos meus irmãos e amicíssimos (em memória) - Florido, João, Paima, Phaulo Mumanyika- pela companhia na escola e na caça familiar.

Ao meu professor da 2ª classe, Rui Zarembessa Mata, aos meus professores de mestrado, nomeadamente, Prof. Doutor Feliciano Chimbutane, Prof. Doutor Bento Siteo, Prof. Doutor

Gregório Firmino, Prof. Doutor Henrique Nhaombe, Profa. Doutora Inês Machungo, Prof. Doutor Marcelino Liphola, Prof. Doutor David S. Langa e Prof. Doutor Eliseu Mabasso.

Aos meus colegas de mestrado, Henrique Mateus, Rosário Cumbane e António Mauelele pelo companheirismo. Sentirei saudades dos nossos encontros de preparação para as apresentações!

Aos meus colegas da turma de 2008 do curso de Licenciatura em Ensino de

Línguas Bantu, com quem partilhei os primeiros passos em Linguística, pelo companheirismo.

Aos meus amigos e amigas de infância, da adolescência, da juventude, Phauro Manyika (em memória), Roda Manuel, José Cusaia, Regina Dobo, José Dobo Nyamadzawu Sete, Alexandre Mecajo, Jambato Florindo, Chimoio Mero, Navaio Rosita e Victória Rosita. Eles fazem parte da minha vida!

Aos meus amigos e familiares que não mencionei aqui, muito obrigado!

Dedicatória

À minha esposa Domingas Binze, pelo seu amor e apoio incondicional.

Ao teu lado sou mais resistente!

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.

A presente pesquisa, intitulada “implicações sintáticas da co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee”, visa analisar os efeitos morfológicos semânticos e léxico-sintáticos a partir do processo de incorporação.

O estudo insere-se na abordagem descritiva na vertente da Gramática Generativa, modelo ‘*Mirror Principle*’ (Princípio de Espelho (PE)) de Baker (1988). Este princípio advoga a existência de uma relação de interdependência entre a Morfologia e a Sintaxe visto que a derivação morfológica reflecte a derivação sintáctica, razão pela qual a estrutura morfológica de uma palavra complexa é derivada através do movimento do núcleo da raiz lexical para os núcleos onde os morfemas são gerados.

A partir da reflexão de Baker (1988) e do processo de incorporação, surge o interesse de perceber até que ponto esta teoria dá conta de todos os processos morfossintáticos do Ciwutee, tal como acontece no Inglês e no Chichewa. Como possíveis respostas à inquietação, propõe-se, por um lado, que a incorporação das extensões verbais desencadeia transformações ao nível morfossintático nesta língua. Por outro lado, tal como as aplicativas, as extensões causativas (o+) e passivas (o-) podem criar alterações de carácter léxico-sintático e semântico na estrutura sintáctica.

Neste trabalho foram aplicados três métodos: o método filológico, pelo qual explorou-se algumas obras inerentes a esta matéria, no sentido de perceber como é que esta relação foi analisada em outras línguas à luz da mesma teoria. Este método dá também a possibilidade de apreciar a descrição e a fundamentação de cada autor sobre a ordem das extensões quando estiverem em co-ocorrência.

O Introspectivo, método pelo qual compara-se e descreve-se os efeitos de processos morfológicos ao nível do léxico, semântica e da sintaxe em Ciwutee, tendo em conta estudos anteriores e o conhecimento que tem sobre a matéria, e a entrevista. Com este método, entrou-se em contacto com os informantes, procurando perceber a sua sensibilidade sobre o tema proposto para a entrevista.

Com base na entrevista, organizou-se o material recolhido de acordo com o seu juízo de gramaticalidade para posteriormente calcular a percentagem de respostas gramaticais e agramaticais.

1.1. O Ciwutee

Ciwutee é uma língua falada na zona central de Moçambique. De acordo com <http://www.ethnologue.com> ela é codificada ISSO 639-3 (twx). Doke (1945) e Cole (1961), citados por Ngunga (2014) referem que Ciwutee é uma língua que pertence ao grupo linguístico da zona 61 (sul-central) 61/1/5n. Contudo, Guthrie (1967-71) considera que Ciwutee é uma língua do grupo linguístico Shona (S10) ao qual pertencem outras línguas mutuamente inteligíveis como Cimanyika, Cihungwe e Cindau.

Segundo o Relatório do Censo Geral da população citado por Ngunga e Faquir (2011), Ciwutee é uma língua falada por mais de 259.790 pessoas. Por sua vez, Chimbutane (2012), embora não apresente um número concreto de falantes de Ciwute, afirma que o número de falantes desta língua ronda os 22.6% da população

Este trabalho identifica-se mais com a classificação de Guthrie (1967-), embora Doke (1945) tenha feito o mesmo estudo de classificação deste grupo linguístico, Guthrie é mais exaustivo na classificação apresentando as possíveis variações dentro do grupo linguístico (S10).

Na diversa literatura sobre as línguas bantu e sobre a ortografia das línguas bantu, o Ciwutee ainda mostra controvérsias entre linguistas, missionários e outros que se interessam por esta língua, no uso da ortografia da língua. Há quem prefira escrever **Teve, Tee, ute, Ciwutewe, Ciuté/ciUtée, ciWutee**, ou ainda **Ciwutee** ou **chiWutee**. Tendo em conta as diferenças apresentadas, nota-se que as estruturas Ciwutee e Chiwutee aproximam-se mais àquilo que os falantes dizem no seu dia-a-dia.

As duas últimas formas acima (com a consoante [ch-]) têm a ver com a influência da língua Shona do Zimbabwe em que, sensivelmente, todas as palavras com a consoante oclusiva palatal não vozeada [c] são aspiradas [c^h], independentemente do seu contexto de ocorrência. A inserção

da semi-vogal (glide) [w], ocorre apenas para resolver o problema de hiatos (sequência indesejada de vogais) visto que nem sempre a sequência de vogais diferentes nesta língua é indesejada.

De acordo com a consulta oral a mais de dez (10) falantes nativos de regiões diferentes na província de Manica, concluiu-se que, raras vezes, ou nunca, se ouve os falantes a pronunciarem **teve, tee, ute, ciwute**. Estas expressões não remetem a nenhum referente nesta língua. Os falantes associam esta grafia à realização real da expressão referencial *chiwutee/ ciwutee* para entender a grafia apresentada nos relatórios do II e III seminários de padronização da ortografia de línguas moçambicanas (Ngunga e Faquir, 2011) e em outras obras como a de Suana (1999). Nota-se que os nomes de todas as línguas moçambicanas incluem o prefixo (ci-, e-, ki-, shi-, xi-) que significa “língua¹. Neste caso, quando as línguas forem tratadas como substantivos, os nomes escrevem-se com iniciais maiúsculas. Quando forem tratadas como adjectivos, escrevem-se com iniciais minúsculas e quando usadas como adjectivo, por exemplo o prefixo (Ci/ Chi-) indicador de “língua” é dispensado porque a sua semântica torna-se redundante na presença da palavra “língua”.

Neste trabalho usou-se com frequência o termo *Ciwutee* em detrimento de *Ciute*, como vem escrito em alguns manuais. De acordo com o contexto, poder-se-á usar língua *wutee* para designar a mesma língua. Na última proposta (língua *wutee*) nota-se a ausência do prefixo (*ci-/ch-), substituído pelo termo “língua”.

De acordo com algumas fontes orais o *Ciwutee* apresenta cinco (5) variantes. Os seus falantes estão distribuídos em cinco distritos da província de Manica, nomeadamente:

- a) Variante *Ciwutee* **Zambi**, falada nos distritos de Sussundenga e Macate;
- b) Variante *Ciwutee* **Nyembwe**, falada no distrito de Vanduzi;

¹Cf Ngunga e Faquir (2011).

c) Variante Ciwutee **Tsakara/here/ Gandura**, falada no distrito de Gondola;

d) Variante Ciwutee **Goroma/bangwe**, falada nos distritos de Gondola e Gorongosa e Dondo (Província de Sofala)²;

e) Variante Ciwutee **Nyawukaranga/ Ngomayi** falada no distrito/cidade de Chimoio. Nas variantes apresentadas nota-se que, apesar de existirem algumas diferenças lexicais e fónicas, estas ainda apresentam maior inteligibilidade entre si.

Para efeitos do presente trabalho, usar-se-á a variante Nyawukaranga³, tida como de referência no trabalho de Suana (1999), relatórios sobre a padronização das línguas moçambicanas, conforme NELIMO (1989); Siteo e Ngunga, (2000), Ngunga e Faquir, (2011) bem como nos manuais produzidos pelo INDE/MINED e na Rádio Moçambique, para além do segundo e terceiro seminários da padronização das línguas moçambicanas em 1998 e 2008, respectivamente.

²*cf*<http://www.ethnologue.com>. Faz referência da existência de falantes de Ciwutee em Sofala, sem que no entanto especifique a região em causa.

Suana (1999) afirma a existência de falantes de Ciwutee na Província de Sofala, concretamente no distrito de Dondo.

³*cf*Ngunga e Faquir (2011: 171)

1.2. Objectivos da Pesquisa

O presente estudo tem como objectivos:

1.2.1. Geral

- Testar o Princípio de Espelho com base em dados da língua Ciwutee.

1.2.2. Específicos

- Descrever as alterações de funções sintácticas, papéis temáticos dos constituintes frásicos e a mudança de valências de verbos formados em relação aos verbos de base.
- Analisar as implicações da concatenação das extensões verbais (causativa e passiva) às bases verbais nas estruturas sintácticas de Ciwutee

1.3. Problema de Investigação

À luz do Princípio de Espelho, Baker (1988), mostra a existência de uma relação entre a Morfologia e a Sintaxe. Esta teoria foi concebida e explicada com base na extensão applicativa (*-**il-** (-il-/ir-)). A extensão applicativa, de acordo com Baker (1988), Ngunga (1999), Siteo (1999), Langa (2013) é do tipo [o+] e partilha as mesmas propriedades léxico-sintácticas com a extensão causativa (*-**i-/ici-**, (-is-/es-)). Baker (1988) no seu trabalho, usa as extensões applicativa e passiva para mostrar o parâmetro *ordem de ocorrência de extensões verbais* na língua Chichewa⁴ de acordo com o peso semântico que cada extensão verbal ostenta. Alsina e Mchombo (1993) e Ngonyani (1996) apresentam estudos similares descrevendo o comportamento de objectos sintácticos do Chingoni como língua de objecto assimétrico.

Por isso, neste estudo, pretende-se testar a extensão causativa (*-**i-/ici-**, (-is-/es-)) do tipo (o+) e a passiva do tipo (o-) para perceber a alteração do mapeamento sintáctico causado pela aplicação de uma das extensões (causativa e passiva) ou quando estas co-ocorrem na estrutura morfológica,

⁴ Baker (1988: 16)

tal como foi testado em Baker (1988), (o+ e o-). Assim, este trabalho é guiado pela seguinte pergunta de partida:

- À luz do PE, como é que os processos morfológicos envolvendo as extensões verbais causativa e passiva se reflectem na estrutura sintáctica do Ciwutee?

1.4. Hipótese

A partir do problema definido, avança-se a seguinte hipótese:

- O Princípio de Espelho estabelece que, na derivação morfológica, há um lugar previsto para incorporar quaisquer morfemas (causativo e passivo), isto é, uma base verbal tem espaços para inserir (incorporar), mais de um material morfológico. A partir desse pressuposto, entende-se que o Princípio de Espelho satisfaz as exigências descritivas das implicações morfológicas da co-ocorrência das extensões verbais no geral e, em particular, da causativa (o+) e da passiva (o-) nas estruturas sintácticas do Ciwutee.

1.5. Relevância do estudo

O estudo da morfossintaxe em Ciwutee é relevante para as teorias linguísticas, em geral, porque permite compreender o que é que os falantes sabem sobre a influência da aplicação da morfologia derivacional (extensões verbais) nas estruturas sintácticas que tenham como núcleo verbal uma base estendida.

Para além do que já se referiu acima, este estudo poderá provar que as extensões causativas obedecem ao mesmo padrão ou mapeamento sintáctico da extensão applicativa usada em Baker (1988). De acordo com os dados do Ciwutee mostra-se que esta língua aplica este parâmetro (ordem de ocorrência das extensões verbais) de forma estrita, isto é, a inversão de ordem de ocorrência das extensões cria estruturas agramaticais.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam, de forma directa, para preencher lacunas inerentes à falta de estudos descritivos sobre o Ciwutee, respondendo, deste modo, à dinâmica investigativa das línguas africanas, em particular as faladas em Moçambique.

1.6. Quadro teórico

No presente estudo, adopta-se o Princípio de Espelho (*Mirror Principle*) proposto por Baker (1988). O autor argumenta que existe uma relação muito estreita entre a morfologia e a sintaxe, dado que a derivação morfológica condiciona o mapeamento sintáctico.

A ideia apresentada pelo autor em referência mostra que a estrutura morfológica de uma palavra complexa é derivada através do movimento do núcleo da raiz lexical para os núcleos onde os morfemas são gerados. A ordem dos morfemas irá reflectir a incorporação sintáctica dos núcleos que correspondem a esses morfemas (Baker, 1988).

Assim, a possibilidade de flexibilidade dos itens lexicais na estrutura sintáctica depende de quão rica ou fraca é a morfologia dessa língua. As línguas com morfologia rica vão desencadear mais movimentos e aquelas com uma morfologia fraca permitirão menos movimento.

O Ciwutee, como língua de morfologia rica, permite a *incorporação* de mais de um material morfológico no verbo. A incorporação nesta língua traduz-se do seguinte modo:

ku[-]mw[-][-]a ‘beber’, ku[-] mw[is][iw]a ‘ser passível de ser causado beber’.

Nesta base verbal -mw- “beber”, apresenta-se a posição pré-base que pode ser preenchida por morfema (marca de objecto). A posição pós-base foi preenchida pelas extensões causativa e passiva, de acordo com o parâmetro (ordem de ocorrência de constituintes) aplicável nesta língua. É esta possibilidade de incorporar mais de um morfema de extensão que, por conseguinte, irá proporcionar mais movimentos na estrutura, isto é, que leva a enquadrar esta língua naquelas de morfologia rica.

Na sua teoria, Baker (1988) defende que uma palavra complexa pode ser formada por regras sintácticas e, mais especificamente, pelo movimento X^0 , através da incorporação de uma raiz lexical no morfema (núcleo morfológico). Nessa perspectiva, Baker (op. cit.) mostra que, se a estrutura morfológica de uma palavra complexa for derivada através do movimento do núcleo

(*head-movement*) da raiz lexical para os núcleos onde os morfemas são gerados, então para o PE “a ordem dos morfemas numa palavra complexa reflecte a incorporação sintáctica natural dos núcleos que correspondem a esses morfemas” Baker (2002:326). Noutra vertente, Baker (1988), especifica que o Princípio de Espelho é uma teoria derivacional que leva a morfologia e a sintaxe de cada regra a serem crucialmente relacionadas a um único processo, tendo lugar em um único componente da gramática. Então, por exemplo, na derivação de uma estrutura particular, o causativo virá antes do passivo tanto morfológico como sintáctico Baker (1988:16). O autor mostra a ordem obedecida em Chichewa, à luz do PE quando a extensão applicativa “-er-” (o+) e passiva “-edw-” (o-) co-ocorrem na estrutura. Veja a seguir.

(1) a. Mtsikana anaperekeredwa mpiringidzo ndi mbidzi

Mtsikana a-na-perek-er-edw-a mpiringidzo ndi mbidzi

Girl SP-PAST-hand-APPL-PAS-ASP- crowbar by zebras

‘The girl was handed the crowbar by the zebras’

‘A menina foi entregue o pé de cabeça pelas zebras’

*b. Mtsikana a-na-perek-edw-er-a mpiringidzo ndi mbidzi

Mtsikana a-na-perek-edw-er-a mpiringidzo ndi mbidzi

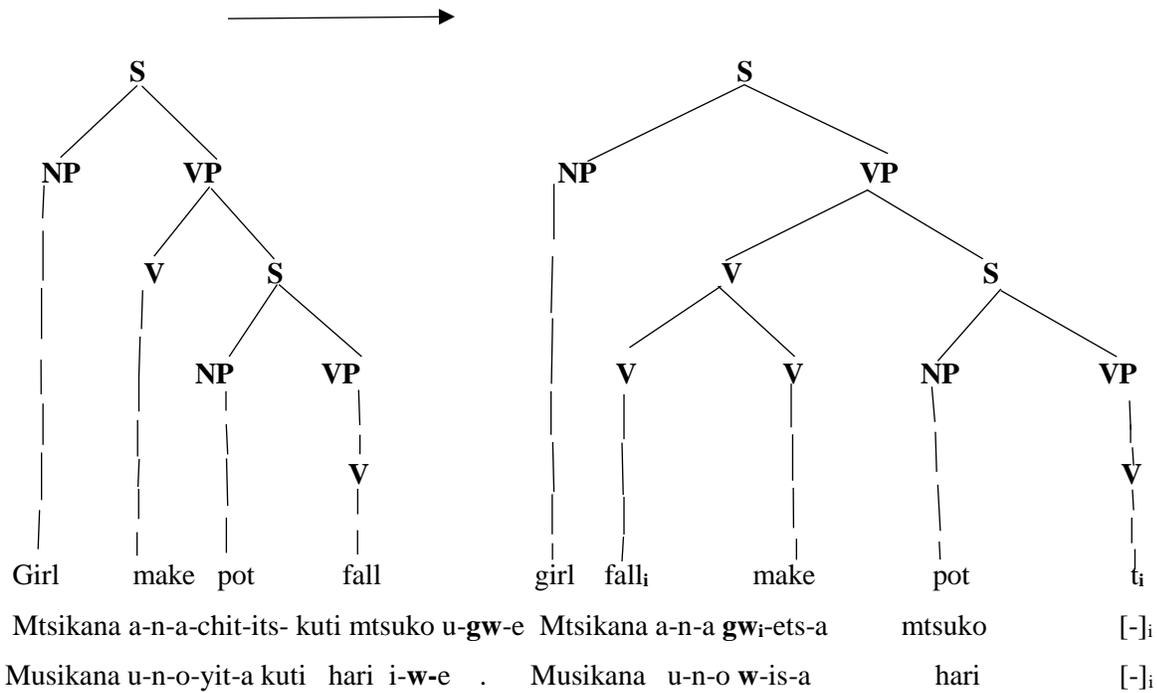
Girl SP-PAST-hand-PAS-APPL-ASP- crowbar by zebras

‘The girl was handed the crowbar by the zebras’

‘A menina foi entregue o pé de cabeça pelas zebras’

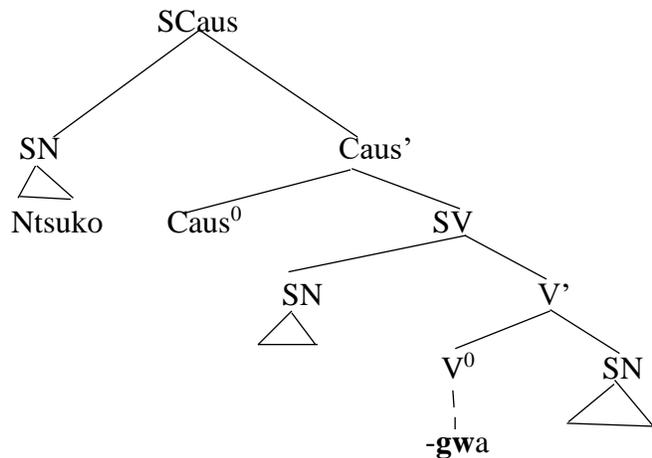
O exemplo em (1a) mostra a ordem de ocorrência das extensões verbais. A ordem de ocorrência das extensões applicativa e passiva aceite em Chichewa, segundo Baker (1988) é APPL-PAS. A inversão da ordem de ocorrência PAS-APPL resulta em estruturas agramaticais (1b). Veja o diagrama.

(c) Diagrama de Baker (1988: 21)

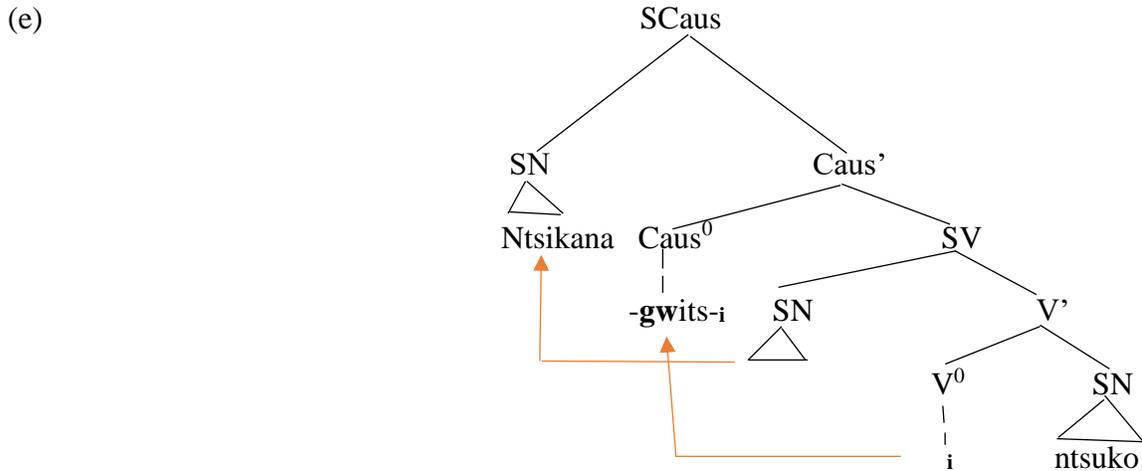


Menina deixar panela de barro **cair**. Menina **cair**-CAUS-a panela de barro
 ‘A menina deixou a panela de barro cair’ ‘menina causou a queda da panela de barro’

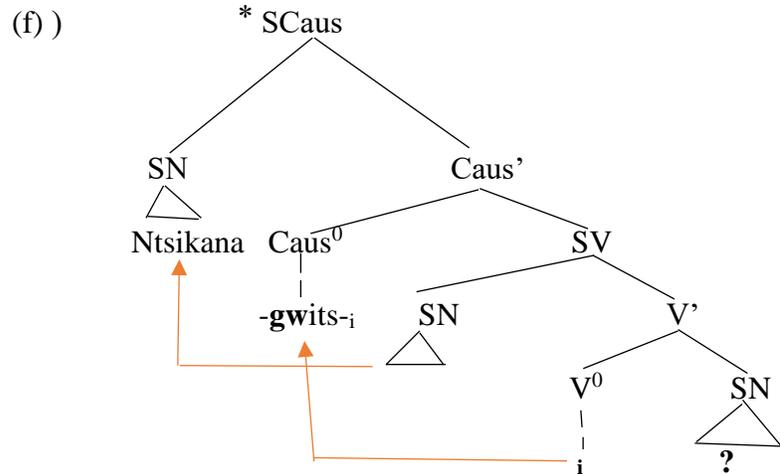
Baker (1988) nesta estrutura, apresenta o processo de movimento na medida em que, na estrutura mais à esquerda ocorre o núcleo verbal X^0 (fall/-gw-), no nível mais baixo (núcleo lexical) e depois da *incorporação* (causativo) o X^0 é movido para o nível mais alto na estrutura à direita onde ocorre a causativização (núcleo morfológico). O constituinte movido (fall/gw) deixa um vestígio (ti) na posição de origem, co-indexando desta forma o fall/-gw-i e ti., como as árvores abaixo mostram. (d)



Nesta árvore (d) os constituintes estão a ocorrer nas suas posições básicas de acordo com a informação emanada ao nível do léxico. O verbo *-gw-* (cair) selecciona um único argumento externo, realizado por Ntsuko (pote).



A árvore em *e* mostra um processo de incorporação. O verbo “*-gw-* (cair) como núcleo lexical, ocorre ao nível mais baixo, move-se desta posição [V V’] para outra [CAUS⁰ CAUS’] posição mais acima onde ocorrem processos morfológicos que culminam com a modificação morfológica do output (saída) *-gw-*+ *-its-* para formar *-gwits-*. Este processo de incorporação, para além de interferir na configuração da palavra formada, altera as propriedades de c-selecção do verbo formado (output) *-gwa* v: [-] para *-gwitsa* v: [-N’’/T] (cf Baker 1988, 2012). Se a sintaxe não realizar N’’ com papel temático de tema, com estatuto de complemento do núcleo verbal (*-gwits-*), a estrutura torna-se agramatical, como mostra a árvore em *f*.



O verbo formado é transitivo de valência II, selecciona um complemento de configuração N' de carácter obrigatório, nesta árvore este não se está a realizar sintacticamente. A não ocorrência, sintacticamente, na estrutura sintáctica, fez com que a estrutura se tornasse agramatical.

O diagrama em *e* complementa a afirmação de Baker (1988) quando refere que uma derivação causal envolve o movimento da raiz do verbo para a posição ocupada pelo morfema causador, que se liga à raiz do verbo para criar a forma verbal V-CAUS.

“Uma única operação de movimento dará origem à derivação morfológica e a uma derivação sintáctica” Baker (1988: 21).

Para o autor, é o Princípio de Espelho que relaciona a morfologia e a sintaxe e aponta para a conexão entre os processos de mudança de função gramatical a partir da incorporação.

Assim, Baker (1988:21) afirma que todos os processos de mudança de função gramatical são, na verdade, um processo de movimento de uma categoria lexical chamada de movimento X^o (cf 1e).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o modelo de incorporação encontra bases para responder à questão sobre como e por que os processos de mudança de função gramatical ocorrem na morfologia e na sintaxe.

Baker (1985) afirma que os afixos (causativo, passivo) estão associados a operações sintácticas e à sua ordenação em relação a outros afixos. Neste contexto, a incorporação, é assumida como forma de dar conta da ordem em que se aplicam as operações sintácticas

correspondentes. Para além disso, Baker afirma que, a existência de sufixos como -CAUS-, -APL-, -PAS- e a sua forma de combinação pode explicar a relação entre a morfologia e a sintaxe.

Na subsecção acima, apresentou-se o modelo teórico proposto por Baker (1988). É este modelo que orienta a análise da implicação sintáctica causada pela incorporação das extensões causativa e passiva numa estrutura morfológica.

1.7. Organização do trabalho

O presente estudo divide-se em cinco capítulos, a saber: capítulo I, introdução, na qual se apresenta o tema, a localização e descrição da língua em estudo de acordo com as suas características; o problema de investigação, a questão de partida; os objectivos de pesquisa, parte da investigação que ajuda a não se perder de vista a meta na investigação; pergunta de partida, questionamento para a possível solução do problema identificado; a hipótese, que é uma possível solução para responder à pergunta de partida; a relevância do estudo, motivo que cativa o autor a desenvolver estudo. A seguir falou-se sobre a Teoria “Principio de Espelho” como espinha dorsal do trabalho; Capítulo II, Metodologias de estudo. É na base desses mecanismos que o autor recolheu os dados, processou-os e posteriormente descreveu-os na análise de dados. Capítulo III Revisão de Literatura, na qual interpretaram-se os conceitos operatórios para além de se ter apresentado o lugar da Morfologia na Linguística e Morfologia verbal das línguas bantu.

É neste capítulo que apresenta estudos anteriores, o processo de incorporação, o conceito Sintaxe, Morfologia, raiz, radical, radical derivado, radical não derivado. No capítulo IV, descreveu-se as extensões causativas e passivas e sua incorporação nas estruturas em Ciwutee. As extensões foram um dos pontos principais nesta subsecção na qual descreve-se as extensões causativa e passiva, co-ocorrência e sua implicação ao nível da Morfologia, Semântica e Sintaxe e o capítulo V é constituído por argumentos conclusivos inerentes à Pesquisa.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.

2.1. Abordagem

No presente trabalho adoptou-se a abordagem descritiva proposta por Seliger e Shohomy (1989) que considera que esta pode ser heurística ou dedutiva. Com base nesta argumentação, neste trabalho analisar-se-á dados já existentes à luz do Princípio de Espelho.

2.2. Métodos

O presente capítulo apresenta os métodos definidos como conjunto de regras básicas dos procedimentos que produzem o conhecimento científico novo ou uma correcção (evolução) ou, ainda, um aumento na área de incidência de conhecimentos anteriormente existentes (Singh, 2006).

O método é entendido também como processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento profícuo (Bisquera, 1989).

Gonçalves e Viriato (2009, 2011), entendem que os métodos são conjuntos de determinadas normas que devem ser satisfeitas, caso se deseje que a investigação seja adequadamente conduzida e capaz de levar a conclusões merecedoras de adesão pela comunidade científica.

Nesta dissertação foram usados três métodos, a saber: (i) método filológico, (ii) método introspectivo e (iii) método de entrevista.

2.3. Método filológico

Por método filológico entenda-se o estudo de textos literários e registos escritos, o estabelecimento de sua autenticidade e sua forma original e ainda a determinação do seu significado (Darwing & Almeida, 2005; Almeida & Fodor ,2004 e Peile, 2008). O método consistiu na consulta de documentos escritos sobre Ciwutee e de outros estudos que abordam o assunto, dentre os quais Katupha (1991), Baker (1988a), Ngonyani (1996a), Bresnan e Moshe (1990), Ngunga (1999, 2004 e 2014), Chimbutane (2002) e Langa (2013).

2.4. Método de introspecção.

Introspecção é o acto pelo qual o sujeito observa os conteúdos de seus próprios estados mentais, tomando consciência deles (Rosa, 2010). Dentre os possíveis conteúdos mentais passíveis de introspecção destacam-se as crenças, as imagens mentais, memórias (sejam visuais, auditivas, olfactivas, sonoras, tácteis), as intenções, as emoções e o conteúdo do pensamento em geral (Rosa, 2010).

A introspecção é um dos métodos pelos quais apurou-se a veracidade dos dados fornecidos de acordo com o conhecimento que o autor acumulou ao longo das suas experiências. Neste trabalho, depois da recolha, os dados foram requalificados de acordo com o objectivo do trabalho.

2.5. Método de entrevista

A entrevista é um instrumento de recolha de dados que consiste na presença física ou distante do investigador (Langa, 2013). Segundo Marconi e Lakatos (2001) entrevista é um mecanismo pelo qual o entrevistador recolhe os dados de forma directa ou indirecta usando meios fiáveis. Existem diferentes tipos de entrevistas, nomeadamente, entrevista estruturada, entrevista executiva, entrevista não estruturada, entrevista de painel e entrevista semi-estruturada (Appolinário, 2004 e Marconi e Lakatos, 2001).

Na recolha de dados para esta dissertação, usou-se a entrevista não estruturada, na medida em que os informantes propunham as traduções e juízo de gramaticalidade, orientados pelo guião de entrevista para garantir a materialização dos objectivos do trabalho.

A entrevista foi feita de duas formas: individual e colectiva. Seleccionou-se 19 informantes. Destes, 16 são residentes na província de Manica, sendo 10 militares e polícias residentes temporariamente na zona militar e outros bairros da cidade de Maputo, 3 estudantes universitários do curso de Ensino de Línguas Bantu. (vide tabela 1)

Tabela1: Perfil do informante

Número de informantes	Juízo de gramaticalidade	Percentagem
14	R. G	84.3%
5	R. AG	15.7%
19	-	100%

LEGENDA: **R.G** -respostas gramaticais, **R.AG**- respostas agramaticais

A tabela mostra 19 informantes, dos quais 14 deram respostas gramaticais que correspondem a 84.3% do universo (19). Cinco (5) informantes do universo (19) deram respostas agramaticais, cobrindo uma cifra de 15.7%. Tendo em conta a entrevista, os informantes mostraram que, para além da ordem de ocorrência dos objectos sintácticos, têm conhecimento de que numa estrutura morfológica existem lacunas que podem ser preenchidas. Esta ideia ficou patente quando os entrevistados reconheceram bases verbais, antes e depois da incorporação de uma ou mais extensões.

Outro facto importante foi o de terem mostrado domínio da ordem de ocorrência das extensões verbais numa situação de co-ocorrência.

As propostas apresentadas pelos entrevistados, na sua maioria, prevêm aquilo que Baker (1988) apresenta na ideia de incorporação e de ordem de ocorrência das extensões verbais.

O primeiro método usado na recolha de dados foi o filológico. É neste âmbito que, para além das obras e artigos usados, foi necessário descrever alguns conceitos que orientaram a análise e descrição dos dados. A seguir vai-se apresentar o capítulo da revisão da literatura.

CAPITULO III: REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura está dividida em cinco (5) partes: a primeira apresenta estudos anteriores ou de línguas inteligíveis ao Ciwutee; a segunda parte descreve os conceitos de sintaxe e morfologia à luz de diferentes autores; depois deste ponto, avança-se o terceiro ponto inerente ao lugar da morfologia na linguística, pois o nosso tema descreve a relação entre a morfologia e a sintaxe (morfofossintaxe). No quarto ponto constam estudos sobre a estrutura verbal das línguas bantu. Na quinta parte, apresenta-se o funcionamento das classes e prefixos nominais, no geral, e, em particular, do Ciwutee.

O estudo da sintaxe nos trabalhos de Katupha (1991), Baker (1988a), Brasnan e Mosh (1990), Ngonyani (1996 a), Chimbutane (2002), Ngunga (1999), Pino (1994) e da morfologia na análise de Lyons (1968), Liphola (2001, 2015) Langa (2013), Mogara (2013), Stegen (2002) Lieber (2010), Dubois et al (2006) são incontornáveis na análise morfofossintáctica. Estas obras descrevem processos morfológicos e sintáticos que podem ajudar claramente a descrever as diversas manifestações morfofossintáticas das estruturas em Ciwutee.

Apresentou-se a revisão de literatura no geral, agora vai-se passar para estudos que precedem este trabalho.

3.1. Estudos anteriores sobre Ciwutee

Ngunga (2004) salienta que o estudo das línguas bantu começou na segunda metade do século XIX quando estudiosos europeus aplicaram o método histórico-comparativo na análise das línguas africanas, métodos usado para estudar as línguas indo-europeias e estudo das línguas da África subsahariana. Para o caso da maioria das línguas bantu faladas em Moçambique, a situação mudou em 1978 quando foram introduzidos nos cursos de formação de professores de português da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e da Universidade Pedagógica os estudos de linguística bantu. Além disso, a partir de 1989 esta disciplina passou a fazer parte do Curso de Licenciatura em Linguística da UEM (Ngunga 2004). Os primeiros materiais escritos de Ciwutee começaram a surgir a partir da criatividade dos missionários e posteriormente textos publicados pela Rádio Moçambique, delegação de Manica. Alguns dos trabalhos que fazem parte do primeiro material em Ciwutee são: Introdução à Cultura Tewe (Suana, 1999), Equivalentes de termos Religiosos de

Teve (1988, não publicado), Cidade de Chimoio: Ensaio Histórico-Sociológico Rosário (1999) e Glossário de conceitos políticos e sociais (1997 e revisto em 2015).

Nesta Secção, apresentou-se estudos anteriores de Ciwutee. Na secção que se segue descreve-se os conceitos operatórios. Nela, apresentar-se-á entre outros aspectos, os paradigmas de ocorrência de cada unidade lexical (afixo) na base verbal.

3.2. CONCEITOS OPERATÓRIOS

3.2.1. Sintaxe

De acordo com Bloomfield (1939), a sintaxe é o estudo de formas livres. Esta noção é conhecida como uma abordagem estruturalista. Por sua vez, Cunha e Cintra (2005) advogam que sintaxe é a parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar frases. Por seu turno, Xavier (1991) argumenta que a palavra sintaxe deriva do Latim *sintaxis* que, por sua vez, tem origem num termo grego que significa “coordenar”. Trata-se da parte da gramática que ensina a coordenar e unir as palavras para formar as orações e expressar conceitos.

O paradigma actual da ciência refere-se à gramática generativa, que se centra na análise da sintaxe como constituinte primitivo e fundamental da linguagem natural. Enquanto ramo pertencente ao campo da linguística, a sintaxe estuda as regras que comandam a combinação de constituintes e a formação de unidades superiores a estes (Stockwell 1977).

A sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na estrutura sintáctica e das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si. Ao emitir uma mensagem verbal, o emissor procura transmitir um significado completo e compreensível. Para isso, as palavras são relacionadas e combinadas entre si. Nesta ordem de ideias, a sintaxe é concebida como um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Pode-se entender, em parte, que a sintaxe é uma área da linguística que se preocupa em realizar as informações emanadas ao nível do léxico. Uma das funções desta área é identificar o paradigma e a respectiva função sintáctica que um constituinte deve desempenhar na estrutura sintáctica para que a estrutura formada seja gramatical, de acordo com as informações emanadas

ao nível do léxico, garantida pelo princípio de projecção. A seguir apresenta-se argumentos inerentes à morfologia.

3.2.2. Morfologia

Actualmente, a morfologia é definida como sendo o estudo da estrutura interna das palavras e da sua formação (Lyons, 1968). Por sua vez, Lieber (2010) e Dubois et al (2006) afirmam que o termo morfologia tem dois significados. Para além de estudar a formação das palavras, ela dedica-se à análise da forma como as novas palavras são introduzidas numa determinada língua e descreve as regras de combinação dos sintagmas em frases.

Ngunga (2014) afirma que a morfologia pode ser definida como o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, da sua função no sintagma e na frase. Langa (2013) propõe a existência de duas partes que compõem a morfologia: morfo ‘forma’ e lógica ‘ciência’.

Em linguística, morfologia refere-se à análise das formas que uma palavra de uma dada língua pode assumir. É uma disciplina linguística que tem a palavra por objecto e que estuda, por um lado, a sua estrutura interna, a organização dos seus constituintes e, por outro, o modo como essas estruturas reflectem a relação com outras palavras (Faria et al, 1996). A morfologia é tida como ciência que analisa as formas da palavra, as alterações sistemáticas na forma dessas unidades, relacionadas com mudanças no sentido das mesmas (Bauer,1983), Spencer (1991). Portanto, o estudo morfológico de uma língua tem por objectivo mostrar a sua estrutura, os processos de formação e combinação de morfemas/palavras de acordo com as informações inerentes a cada material lexical partindo do léxico.

À luz do Princípio de Espelho, a morfologia opera em temas e em morfemas para produzir palavras. Tendo em conta a ideia de movimento, percebe-se que a operação morfológica ocorre em níveis mais altos em relação ao verbo de base. A seguir apresenta-se o lugar da morfologia na linguística

3.2.2.1.O lugar da morfologia na linguística

Katamba (1993) dá a entender que a morfologia só surgiu como um dos sub-ramos da linguística no século XIX quando esta desempenhou um papel fundamental na reconstrução do indo-europeu.

Do ponto de vista morfológico, Fiorin (2012) refere que as línguas distribuem-se em três tipos: aglutinantes; flexionais e isolantes. Nas aglutinantes as palavras combinam raízes e afixos distintos para expressar as diferentes relações gramaticais, uma das línguas exemplificativas usadas por Fiorin (2012) foi o Turco. As flexionais são aquelas em que as raízes se combinam a elementos gramaticais indicando a função das palavras e não podem ser segmentadas na base de um som/ significado ou afixo para cada significado gramatical.

Nas línguas isolantes as palavras não podem ser segmentadas em elementos menores, portadores de informação gramatical ou lexical, como é o caso do Mandarim.

As classificações das línguas apresentadas basearam-se nas estruturas morfológicas. Fiorin (2012) acrescenta que, para além destas, existem também línguas polissintéticas, as chamadas incorporantes.

Segundo Waweru (2011), o termo morfologia começou a entrar na gramática entre 1920 e 1945. A conceptualização da morfologia ocorreu quando os estruturalistas americanos desenvolveram e refinaram a teoria do fonema que, mais tarde, com os trabalhos de Harris (1942) Hockett (1952 e 1954), Bloomfield (1933), resultou na mudança de foco para a morfologia e, assim, muitos estruturalistas começaram a investigar questões inerentes à teoria da estrutura da palavra.

Assim, uma das principais contribuições dos estruturalistas foi o reconhecimento de que as palavras podem ter estrutura interna complexa, pois, na gramática tradicional, a análise linguística tinha tratado a palavra como a unidade principal da estrutura da língua, mas os estruturalistas deram a entender que as palavras são analisáveis em unidades mínimas significativas, introduzindo neste sentido, a morfologia como um ramo separado da linguística.

Segundo Katamba (1993), na gramática generativa considera-se que a formação das palavras poderia ser discutida na fonologia e na sintaxe. Depois de alguns debates em torno do assunto, concluiu-se que não era muito importante analisá-la dentro da fonologia nem da sintaxe neste nível morfológico da gramática. Esta conclusão leva a afirmar que existem formas para

descrever a estrutura das palavras num modelo de gramática que tem como componentes os níveis fonológico, sintático e semântico.

A inquietação acima, já não prevalece nos dias de hoje desde que o léxico vem sendo estudado no âmbito da teoria generativa transformacional. Uma das evidências sobre o âmbito de estudo é a de Baker (1988), que analisa os processos morfológicos em termos de funções gramaticais. Na visão do autor, os processos de incorporação são mudanças de funções gramaticais tratadas como movimentos de núcleos lexicais para o verbo. Baker (op. cit) diz ainda que é a morfologia que determina se o resultado da incorporação numa língua é gramaticalmente aceitável ou não.

Depois desta linha de pensamento, avança com o Princípio do Espelho (*Mirror Principle*) que defende que a ordem dos afixos tem implicações na ordem das operações sintáticas.

Good (2005) reforça a ideia de Baker (1988), focando as extensões verbais. Para ele, a existência das extensões verbais e as suas formas de ocorrência sempre foi considerada muito importante para a discussão da natureza da interação entre a morfologia e a sintaxe.

Good (2005) vai mais além ao afirmar que o comportamento das extensões verbais tem sido usado para argumentar a favor de uma arquitectura gramatical na qual a morfologia e a sintaxe estão intrinsecamente relacionadas.

Nos anos 70, antes de Baker (1988), Chomsky (1970) mostrava uma dicotomia entre as abordagens lexicalistas e transformacionistas, dando assim destaque à morfologia na Gramática Generativa Transformacional.

A Teoria de Regência e de Ligação (TRL) (1981) de Chomsky surgiu como uma teoria derivacional. Sobre este assunto, Waweru (2011), argumenta que a morfologia deve ser considerada como sendo uma sub-teoria da TRL e acrescenta que os morfemas influenciam directamente na estrutura semântica de uma frase.

Neste modelo, o léxico tem raízes, afixos e informações sobre estruturas de argumento, valência dos verbos e papéis temáticos. Os afixos (sufixos) como o causativo e o passivo aglutinam-se à raiz do verbo principal e constroem um novo radical verbal estendido com nova valência e exigências sintáticas e semânticas.

O estudo de Waweru (2011), citando Pollock (1989) mostrou que a presença, ou não, de condições morfológicas traz diferenças na estrutura das frases das línguas. Pollock (op. cit.)

investigou a morfologia do verbo em francês e mostrou evidências de que “o movimento do verbo requer uma flexão da frase que cause ou force esse movimento”.

Com a morfologia readmitida na gramática, importa falar sobre o seu objecto de estudo. Segundo Fiorin (2012), considerar o morfema ou a palavra como objecto de estudo da morfologia reflecte os modos diferentes de abordá-la.

A noção de morfema está relacionada com o estruturalismo, que tinha como problema central a identificação dos morfemas nas diferentes línguas do mundo. A palavra está relacionada com a gramática tradicional, que se dedicava aos estudos sobre a estrutura das palavras e a relação com outras palavras em construções maiores (frases) e com o vocabulário das línguas.

A linguística do século XX retirou a noção de palavra a favor da noção de morfema. Segundo Rosa (2013), o morfema tornou-se, assim, a unidade básica da gramática e da morfologia. Ainda segundo a mesma fonte, a primeira definição de morfema foi elaborada por Bloomfield (1926).

Para ele, o morfema era a forma recorrente que não pode ser analisada em formas recorrentes menores. Bloomfield (1933), voltou a definir o morfema como sendo uma forma linguística que não mantém semelhança fonético-semântica com qualquer outra forma. Mateus (1990) entende que morfemas são unidades morfológicas que funcionam como menor elemento com significação independente numa língua natural.

Por sua vez, Ngunga (2004) diz que morfema é o objecto de estudo da morfologia é a menor unidade da língua portadora de sentido lexical ou gramatical na hierarquia da palavra. Este pode ser preso ou livre. Por seu turno, Liphola (2015) descreve os morfemas como unidades menores do que a palavra. Noutra perspectiva, Liphola (2015) identifica os morfemas livres (independentes) e presos aqueles que não aparecem como palavra isolada.

Seguindo o pensamento estruturalista, em estudos recentes, o morfema é tido como base de análise da morfologia. Ngunga (2004) diz que os morfemas são unidades mínimas significativas. Eles podem ser livres ou presos. Os primeiros estão vestidos de autonomia sintáctica e os segundos precisam de juntar-se a outros materiais lexicais para ocorrer na estrutura sintáctica⁵.

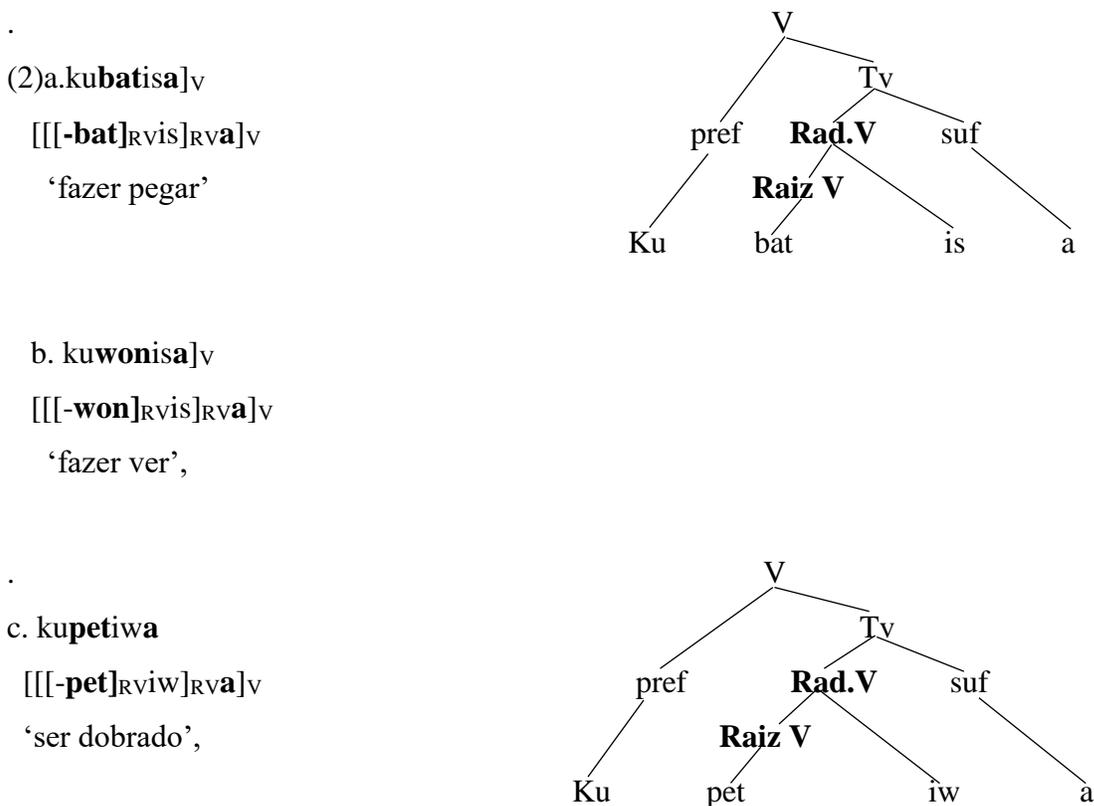
⁵Ngunga (2004:99-100) por vezes, os morfemas livres são chamados de lexicais dado que reside neles a informação lexical da palavra e os presos gramaticais uma vez que são usados para marcar sujeito tempo, aspecto, objecto, número, classe.

A seguir descreve-se a estrutura verbal das línguas bantu.

3.2.2.2. Estrutura verbal das línguas bantu.

A secção sobre a estrutura verbal das línguas bantu, visa analisar os constituintes que ocorrem no verbo, para além da raiz (base). Langa (2013) afirma que existem dois tipos de morfologia: derivacional, aquela que permite a formação de novas palavras e, flexional, que apenas modifica a sua base.

Tendo em conta o conceito de morfologia derivacional, constata-se que “nem sempre a morfologia derivacional forma palavras com nova categoria sintáctica” (Cunha, 1922), Mateus (1990). A constatação apresentada pode ser ilustrada na formação de algumas palavras derivadas a partir do processo de verbalização deverbal.



Os exemplos em (2), mostram que a ocorrência das extensões verbais não altera a categoria sintáctica da base verbal. Veja o input (a base) é de categoria verbal e a palavra formada (output)

também continua com categoria verbal. Os exemplos mostram que depois da aplicação da morfologia, mantém-se a categoria sintáctica da base verbal.

O processo derivacional dá novas entradas ao léxico, isto é, pode ter como entrada -bata ‘pegar’ e outra entrada -batisa ‘fazer pegar’ ou pet ‘pegar’ petiwa ‘ser dobrado’ (cf 2 a, b, c).

O estudo das extensões verbais nas línguas bantu enquadra-se no campo da morfologia do verbo que, segundo Faria (1999), é definido como palavra de forma variável que exprime o que se passa, exprime um acontecimento representado no tempo e pode ilustrar pessoa, número, tempo, modo e voz.

Neste trabalho, faz-se uma análise teórico-descritiva das implicações sintácticas da co-ocorrência de morfemas que derivam outras formas que possam exprimir a ideia de fazer causar alguma acção ou a ideia de ser passível de acontecer algo. Os morfemas (extensões verbais) concatenados à base verbal, na sua maioria, podem formar novos verbos.

As extensões verbais já mereceram atenção por parte de linguistas que trabalham na área da morfologia das línguas bantu. Voeltz (1977) e Meinhof (1932) foram dos primeiros estudiosos a analisar os afixos verbais nas línguas bantu. De entre os afixos reconstituídos por Meinhof (1932) constam o causativo e o passivo. Depois desta análise, seguiu a de Meeussen (1967), considerado como um dos precursores da reconstrução do Proto-Bantu (PB). O autor distinguiu dois tipos de afixos: os expansionais e os deverbativos. Os expansionais são aqueles com estrutura [V (N) C], onde V pode ser qualquer vogal e, derivacionais os que têm a estrutura [-VC-]. O mérito deste trabalho é, necessariamente, ter fornecido marcos sólidos do Proto-Bantu que são actualmente utilizados⁶. Guthrie (1967) foi também um dos estudiosos que contribuiu para o estudo das extensões verbais nas línguas bantu como se afirmou no início deste trabalho.

Para Siteo (2009), as extensões verbais são elementos obtidos pela subtracção do radical simples ao extenso com ele relacionado. Nesta definição entende-se que, extensão verbal é um material lexical que se junta a uma base verbal para formar outra extensa, cuja semântica é diferente da base inicial.

Noutra perspectiva, Siteo (1996) argumenta que, apesar de cada extensão verbal possuir, geralmente, um significado particular, existem aquelas que são polissémicas e as que formam

⁶cf(Ngunga 2000, Miti 2006)

pares. Existem extensões que são mais frequentes, por ocorrerem quase em todas as línguas, e aquelas que são menos frequentes por se observar apenas em algumas línguas.

Ngunga (2004) e Siteo (2009) afirmam que as extensões verbais criam diferentes tipos de verbos a partir de palavras que já são verbos, afectando, desta forma, o significado de um verbo de radical simples. As extensões originam novos verbos e, em alguns casos, podem causar mudança de relações de transitividade.

Apesar do consenso entre os dois autores, a definição de Siteo (2009) parece estar mais próxima da definição de Matsinhe (1994), segundo a qual as extensões verbais (afixos verbais) são morfemas presos que se hospedam no radical verbal. Elas dividem-se em derivacionais: as que podem alterar a estrutura argumental do verbo em que ocorrem e as flexionais, que não alteram a estrutura argumental do verbo em que ocorrem (idem).

Por seu turno, Cocchi (2008) afirma que as extensões verbais são sufixos colocados entre o radical e a parte final da flexão do verbo, de forma a ‘estender’ o radical e formar verbos derivados. Contudo, tendo em conta a diferença que Ngunga (2014) e outros autores estabelecem entre raiz e radical⁷ pode-se afirmar que as extensões verbais também se podem concatenar às raízes verbais para formar radical derivado (raiz + extensão verbal).

Siteo (2009), Langa (2007) e Ngunga (2004), mesmo não tendo apresentado um quadro teórico sobre a descrição das extensões verbais, apresentam uma lista de extensões verbais existentes nas línguas bantu faladas em Moçambique: aplicativa/benefativa *-el-*, causativa *-is-*, recíproca *-an-*, passiva *-iw-*, intensiva *-isis-*, estativa/ pseudo-passiva *-ek-*, frequentativa *-etel-*, reversiva *-ul-* e impositiva *-ik-*.

No entender dos autores, elas dividem-se em três grupos: as que aumentam a valência do verbo formado (o+); as que mantêm a valência do verbo de base (o=) e as que tiram a valência do verbo de base (o-).

⁷cfNgunga (2004) é o *radical* tido como “núcleo de palavra desprovido de afixos flexionais, ou seja, é o constituinte da palavra que contém o significado lexical não inclui afixos de flexão, mas pode incluir afixos derivacionais.

Mateus et al (1992) afirma que nas palavras derivadas, o radical da palavra primitiva constitui o sufixo derivacional, um novo radical” o radical derivado.

Xavier e Mateus (1992) denomina-se *raiz verbal* o constituinte da palavra que tem o significado básico e não inclui sufixos derivacionais ou flexionais”.

Bauer (1988) define *raiz verbal* como a “parte da palavra que se mantém inalterada quando todos os afixos flexionais ou derivacionais forem retirados”.

Katupha (1991) discute as extensões verbais e suas implicações à luz do quadro teórico da morfologia lexical. Para ele, as extensões verbais operam em níveis diferentes, por isso é que algumas não se juntam logo às raízes verbais. Defende a sua tese citando trabalhos de Mchombo (1978) e Bresnan (1977), segundo as quais a derivação morfológica é uma derivação sintáctica. Quando se afixa uma extensão verbal na estrutura verbal, o verbo derivado pode ter mais ou menos argumentos, ou então manter os seus argumentos sintácticos.

Katupha (1991) avança alguns exemplos em Emakhuwa mostrando que se encontram duas subdivisões de extensões: “temáticas e modais”. As extensões temáticas são: *-ana* (recíproca); *-ela* (aplicativa.); *-eya* (estativa.); *-iha* (causativa.); *-iya* (passiva.). Estas, segundo o autor, interferem na estrutura temática da matriz do verbo. As extensões modais são aquelas que não afectam a estrutura argumental do verbo.

Katupha aponta *-aca* (interativa/dual); *-akaca* (interativa /frequentativa) e *-esa* (intensiva /frequentativa).

Veja o quadro resumo apresentado por Langa (2013:120). Nesse trabalho, acrescenta-se as extensões que ocorrem em Ciwutee.

Tabela 2: Quadro comparativo das extensões verbais

	Doke (1954)	Ribeiro (1965)	Baumbach (1988)	Sitoe (1996; 2009)	Langa (2007)	Ciwutee
Aplicativa	-el-	-el-	-el-	-el-	-el-	-er-
Causativa	-is-	-is-	-is-	-is- (-at-/-ix-)	-is -	-is-
Intensiva	-isis-	-isis-	-isis-	-isis-	-isis -	-isis-
Neutra	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-
Passiva	-iw-	-iw-	-iw-	-iw-	-iw-	-(i)w-
Persistiva	-e-lel-	-e-lel-	-e-lel-	-e-lel-	-e-lel-	-irir-
Recíproca	-an-	-an-	-an-	-an-	-an-	-an-
Reversiva (separativa)	-ul-	-ul-	-al- /-ul-	-ul-	-ul-	-ur-
Frequentativa	-etel-	-etel-		-etel-	-etel-	-
Contactiva					-et-	-
Posicional			-am-	-am-	-am-	-am-
Estativa				-al-/akal		-
Perfectiva				-e-lel-		-
Diminutiva				-nyana		-

Os autores marcados no quadro coincidem em grande parte nos tipos de morfemas que marcam cada extensão. Reconhecem ainda a ocorrência das extensões aplicativa, causativa, intensiva, neutra, passiva, recíproca, reversiva, posicional e frequentativa. No entanto, “apresentam diferenças em relação às extensões: contrastiva, estativa, perfectiva e diminutiva” (Langa, 2013). Pelos dados apresentados, comparativamente aos do Ciwutee, nota-se que, até então, existem algumas extensões (estativa, perfectiva e diminutiva) que não ocorrem nesta língua.

Acerca da extensão aplicativa Schadeberg (2003) afirma que ela é também conhecida como sendo dativa *-il-. Segundo ele, os verbos dativos são transitivos e o seu objecto preenche os papéis temáticos de (i) beneficiário, (ii) lugar e, por extensão, tempo, causa e razão e, (iii) instrumento.

No entanto, o papel de beneficiário é o mais produtivo. Estes verbos podem ser derivados de qualquer outro verbo. Contudo, quando o verbo básico é transitivo, o objecto deste normalmente perde as suas propriedades de objecto na construção dativa.

No que diz respeito às extensões causativas *-i-/-ici-, Bastin (1986) argumenta que estas foram reconstituídas através de uma distribuição complementar, sendo que *-i- ocorre depois de uma consoante (C) e *-icil- depois de uma vogal (V). Elas podem ser usadas nos verbos transitivos e intransitivos de estrutura do tipo -CV- ou -CVC- para introduzir um novo argumento que tem como função sintáctica indicar o sujeito e, semanticamente, indicar o papel temático de agente causador.

Depois dos estudos anteriores apareceram alguns estudiosos a contribuírem para o estudo das extensões verbais, como Elwell (2006) que discute as extensões verbais em Chichewa. Ele usa o tema para analisar vários pontos importantes da teoria do Princípio da Integridade Lexical relacionando-os com a análise sintáctica.

Adicionalmente, chega a concluir que o tratamento de extensões verbais na sintaxe permite a selecção do argumento adequado e mostra a relação intrínseca entre a morfologia e a sintaxe.

Chabata (2007), na sua investigação sobre a causativização em Nambya, língua bantu falada no noroeste do Zimbabwe, afirma que o morfema causativo altera a estrutura argumental do verbo (valência) não-causal.

O autor adiciona um novo argumento que assume a nova função sintáctica de causador e, conseqüentemente, torna-se sujeito dessa frase. Este estudo é relevante porque mostra a natureza e características das extensões verbais.

Lodhi (2002) faz uma descrição introdutória sobre as extensões verbais em Swahili e Nyamwezi. Ele identifica dezasseis extensões verbais entre elas a causativa, a applicativa, a passiva, a recíproca e a reversiva. Segundo o autor, as extensões verbais são um fenómeno mais complexo do que o que parece ser, pois no sistema regular de harmonia vocálica e assimilação, existem algumas modificações complexas.

Na mesma análise, Cocchi (2008), defende que as extensões verbais em Tshiluba podem ser divididas em dois grupos tendo em conta a influência que exercem no verbo: as sintácticas e as lexicais. As sintácticas não somente mudam a semanticidade do verbo, mas também adicionam ou reduzem o argumento do verbo em que ocorrem.

Neste grupo constam: causativa (o⁺), applicativa (o⁺), passiva (o⁻), recíproca (o⁻) e (estativa o⁺). Estas extensões alteram as funções gramaticais. Por outro lado, as extensões lexicais são sufixos simples que apenas acrescentam um significado extra ao radical verbal. Pertencem a este grupo as seguintes extensões: contrastiva, extensiva, reversiva e repetitiva.

Por sua vez, Stegen (2002) escreveu sobre os processos derivacionais em Randi, uma língua bantu falada na zona central de Tanzania. Ele confirma que, apesar de muitos trabalhos linguísticos sobre as línguas bantu, ainda existem lacunas descritivas na morfologia destas línguas.

Nesse estudo, o autor descreve as extensões que ocorrem em Randi. Para ele, a derivação do verbo em Randi restringe-se ao compartimento/posição da extensão verbal na estrutura do verbo.

Outra preocupação dos autores acima mencionados foi a sequência das extensões verbais quando co-ocorrem na mesma base verbal. Fiorin (2012:65) afirma que associação de dois elementos mórficos produz um novo signo linguístico que obedece a certos princípios que variam em sua possibilidade de combinação nas diferentes línguas.

Esses modos de combinação são processos morfológicos. Quase todas as línguas apresentam restrições quanto à combinação de morfemas que tomam em conta a forma e a ordem linear da distribuição dos morfemas. “Essa discussão remete a uma relação difícil de negar entre a morfologia e a sintaxe” (Hockett 1954:389).

Por seu turno, Damonte (2007) analisa a ordem das extensões verbais em Pular à luz do Princípio de Espelho, para responder à seguinte questão: como é que a sintaxe e a morfologia interagem?

Segundo o autor, esta pergunta pode ser respondida, em parte, quando se olha para as características visíveis nos afixos e nas frases, pois mesmo em abordagens lexicalistas fortes como a de Disciullo e Williams (1987) admitem que algumas características lexicais tornam-se visíveis à sintaxe.

Para os autores, a sintaxe tem acesso à informação lexical porque o léxico tem projecções funcionais próprias e todos os itens lexicais que transportam essa característica devem ser incorporados nessa projecção. Esta hipótese já foi aplicada com êxito para as modificações de tempo (T), modo (M) e aspecto (A) por Schweikert (2005), segundo ele, uma análise similar pode ser feita em relação aos afixos de mudança da estrutura argumental.

Contudo, os afixos de mudança da estrutura argumental em Pular são fundidos numa hierarquia fixa de núcleos funcionais *theta* relacionados e os complementos por eles introduzidos são fundidos nos especificadores dessas projecções funcionais.

Fernando (2008) afirma que a ordem e a co-ocorrência de afixos verbais podem ser explicadas sob três perspectivas amplas, a saber: sintáctica Baker (1985), semântica Bybee (1985) e morfológica Hyman (2002).

A perspectiva sintáctica é atribuída a Baker (1985), pois para ele a ordem dos afixos derivacionais reflecte a ordem correspondente às derivações sintácticas. A perspectiva semântica defende que a ordem dos afixos é determinada pela abrangência e função semântica de cada afixo, Bybee (1985) e Rice (2000). Segundo eles, os afixos com maior relevância para a acção da raiz do verbo aparecerão mais perto deste.

No entanto, mesmo sob mesma perspectiva, Bybee referia-se a afixos flexionais e Rice afirma que, tendo em conta a amplitude do campo semântico, procura explicar os casos em que os afixos não são rigidamente ordenados.

Por fim, Hyman (2002), abraçando a perspectiva morfológica, defende que a ordem dos afixos na estrutura verbal não tem motivações sintácticas nem semânticas. Portanto, para Hyman, a ordem dos morfemas é determinada pela morfologia e são as línguas que impõem restrições morfossintácticas específicas para as quais não há uma explicação extra-morfológica sincrónica.

As restrições morfossintácticas podem representar uma relação entre pares de morfemas específicos ou podem definir um modelo através do qual vários afixos são automaticamente ordenados.

Seguindo a perspectiva de Hyman (2002), este estudo irá ajudar a discutir a alteração da estrutura argumental dos verbos em que ocorrem as extensões causativa e passiva, nosso objecto de análise.

À luz da teoria da Gramática Léxico-Funcional- GLF- Matsinhe (1994) analisou a valência dos verbos em que os afixos derivacionais ocorrem em Tsonga. No mesmo estudo, argumentou sobre a concatenação de afixos verbais, e das respectivas restrições aplicáveis à sua co-ocorrência.

Segundo o autor, a língua Tsonga, também falada em Moçambique, tem os seguintes afixos derivacionais: applicativa *-el-*, causativa *-is-*, passiva *-iw-*, reflexiva *-ti-*, recíproca *-an-* e a estativa *-ek-*.

A extensão causativa, quando ocorre num verbo transitivo, forma um outro verbo que selecciona mais um objecto. Para exemplificar, Matsinhe (op cit) traz o exemplo *kurima* tem (SUJ) <agente> (OBJ) <tema>; *kurimisa* (SUJ) <agente> (OBJ2) <exp> (OBJ1) <tema> Matsinhe (1993:167).

Os papéis temáticos variam de acordo com a natureza do verbo. Ora veja em Ciwutee: *kuwona* tem (SUJ) <experienciador> (OBJ) <tema>; *kuwonesa* (SUJ) <experienciador> (OBJ2/ objecto primário) <experienciador> (OBJ/ objecto secundário) <tema>. Neste sentido, o verbo *kuwona* “ver” em Ciwutee mapeia uma estrutura com objectos que desempenham papéis temáticos diferentes de acordo com a informação emanada ao nível do léxico sobre o verbo *kuwona*.

O sujeito do verbo *kurima* é um agente mas, o verbo *kuwona* tem argumento externo (sujeito) com papel temático de experienciador.

Quanto à extensão passiva, Matsinhe (1994) diz que quando adicionada à raiz verbal, esta introduz dois argumentos, o agente e o tema. Outra análise em torno da extensão passiva é que, o argumento que desempenhava a função sintáctica de objecto primário passa a assumir a função de sujeito, comandando, desta forma, a concordância na estrutura sintáctica.

Outro dado não menos importante é que o constituinte movido da sua posição “in situ” para a posição de poiso mantém o seu papel temático.

Os afixos *-ek-* e *-iw-* têm resultado idêntico na estrutura argumental do verbo. Todos afectam o sujeito (agente). Acerca dos afixos recíprocos e reflexivos o autor diz que o recíproco muda a estrutura argumental do predicado em que ocorre por ligar o objecto (tema) ao sujeito (agente) criando co-referência, o que faz com que produza um verbo formado por mais de um sujeito (agente).

O afixo reflexo *-ti-* faz com que o verbo não tenha mais de um agente. O verbo recíproco pode ser representado assim: *kubanana* “bater um ao outro” (SUJ) <agente/tema> (OBJ) <o>; Verbo reflexivo *kutiluma* 'morder-se' (SUJ) <agente/tema> (OBJ) <o> (Matsinhe 1994). A extensão reflexiva em Ciwutee é marcada pelo morfema *-dzi-* diferente do morfema apresentado por Matsinhe (op. cit.) da mesma extensão verbal. Veja: Verbo reflexivo *kudzipisa* 'queimar-se' (SUJ) <agente/tema> (OBJ) <o>

Para Matsinhe (idem), o termo extensão é usado, em estudos das línguas bantu, para se referir a afixos como causativos e aplicativos que estendem ou aumentam a valência do verbo. A seguir apresenta-se o conceito de raiz.

3.2.3. Raiz

De acordo com Xavier e Mateus (1992:321) denomina-se raiz verbal o “constituente da palavra que tem o significado básico e não inclui sufixos derivacionais ou flexionais”. Bauer (1988) define raiz verbal como a “parte da palavra que se mantém inalterada quando todos os afixos flexionais ou derivacionais forem retirados”. Observe os exemplos:

(3) a. kurera

- rer-

‘criar’

b. kuba

-b-

‘roubar’

c. kurira

-rir-

‘chorar’

b. kutenga

-teng-

‘comprar’

Nos exemplos apresentados em (3), as raízes verbais não ocorrem com os afixos derivacionais e nem outro material flexional.

3.2.4. Radical

O termo radical refere-se à base que fica quando todos os afixos de concordância e de conjugação tiverem sido apagados na estrutura do verbo (Bauer, 1988).

De acordo com Ngunga (2004:152) radical de uma palavra é o “núcleo desprovido de afixos flexionais, ou seja, é o constituinte da palavra que contém o significado lexical, não inclui afixos de flexão, mas pode incluir afixos derivacionais”.

Por sua vez, Mateus et al (1990) afirma que “ nas palavras derivadas, o radical da palavra primitiva constitui, junto com o sufixo derivacional, um novo radical”, o radical derivado.

Assim, pode-se ter dois tipos de radicais: radicais derivados e radicais não derivados. Os radicais não derivados são aqueles “aos quais não estão adicionados quaisquer morfemas derivacionais”.

3.2.4.1. Radical derivado

Os radicais derivados são aqueles a que está incorporada uma extensão verbal, o que não acontece com os não derivados. Miti (2006) citado por Langa (2013).

Exemplos:

(4) a. kuhambisa

-hambis-

‘fazer andar’

b. kutvsakiwa

-tvsangiw-

‘ser procurado’

Os exemplos em (4 a e b), são radicais derivados. “ Estes radicais podem ter estruturas de diferentes tipos, como por exemplo: -C-, -CVC-, -CVCVC- ou ter estruturas mais longas” Ngunga (2004:153). A identificação do afixo⁸ com o qual a base co-ocorre remete à ideia de tipo de material morfológico de acordo com a posição que o constituinte ocupa em relação à raiz verbal.

O termo afixo engloba todos os materiais morfológicos que ocorrem antes, depois ou antes e depois, ou ainda dentro da raiz verbal.

3.2.4.2. Radical não derivado

Miti (2006) considera que existem dois tipos de radicais, designadamente, radicais simples ou não extensos, e radicais extensos. A diferença entre os dois tipos de radicais reside no facto de no segundo estar incorporada uma extensão verbal, o que não acontece com o primeiro Miti (2006) citado por Langa (2013).

Os exemplos que se seguem são uma demonstração de radicais não derivados.

⁸ Os prefixos e sufixos localizam-se na periferia das bases: os primeiros ocorrem à esquerda e os segundos à direita. Os infixos localizam-se no interior das bases.

Cf Mateus et al (1990:433)

(5) a. kugara

-gar-

‘sentar’

b. kufa

-f-

‘morrer,

c. kututuma

-tutum-

‘Funcionamento de um motor (ideofone)’

Na sua análise, Miti (2006) apresenta ainda três subcategorias de radicais simples ou não extensos, a saber, (i) primitivos; (ii) derivativos e (iii) adoptivos.

“Os radicais primitivos não são derivados de nenhuma forma fundamental e podem subdividir-se em três subgrupos ou subtipos”: -C-; -CVC- e -CVCVC- (mais longos que -CVC-); os radicais derivativos são aqueles que, segundo Miti (2006) e Ngunga (2004), derivam de bases não-verbais, como, por exemplo, de ideofones (5c) e formas nominais e, finalmente, os radicais adoptivos, que são adoptados de línguas não bantu ou simplesmente línguas estrangeiras, (Miti 2006).

No estudo das línguas bantu, vários autores (Guidemann, 2003; Mutaka e Tamanji, 2000; Meeussen, 1967; Ngunga, 2000; Liphola, 2001) consideram a morfologia verbal como sendo complexa. Nesta matéria, os autores apresentam estrutura verbal diferente no que diz respeito ao número de posições e às terminologias usadas para algumas posições.

Veja as tabelas que representam a estrutura do verbo na perspectiva de Meeussen (1967:108-110), citado por Langa (2013) e Mutaka e Tamanji (2000:173).

Tabela 3: Estrutura verbal, Meeussen (1967)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Formativo	Limitativo	Infixo	Radic al	Pré-final	Final	Pós-final
Relativo indirecto/for ma negativa e absoluta	Prefixo verbal	Morfema de negação	Marca de tempo/aspecto	Modo/aspecto perfectivo	Marca do objecto	Raiz verbal	Marca de aspecto/extensão verbal	Marca de tempo/vogal final	Plural do imperfeito

Tabela 4: Estrutura verbal, Mutaka e Tamanji (2000)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	Formativo	Pós-formativo	Infixo objecto	Radical	Sufixo ou extensão	Pré-final	Final	Pos-final
MN/prefixo relativo	Prefixo verbal	MN	MT	MA	Marca do objecto	Raiz verbal	Extensão verbal	MA	MT	-

As tabelas (2) e (3) apresentam a estrutura geral do verbo das línguas bantu. Nelas está clara a diferença entre os dois autores. Como se havia referido, a diferença reside no número e na terminologia usada para referi-los. Meeussen (1967) citado por Langa (2013) propõe dez (10) posições numa estrutura verbal, ao passo que Mutaka e Tamanji (2000) apresentam onze (11) posições.

Por sua vez, Ngunga (2004) define verbos como palavras que em todas as línguas humanas servem para relatar factos, acções, descrever estados e situações.

Além disso, segundo o autor, o verbo conjugado traz consigo as marcas do sujeito sobre o qual se faz a afirmação e o tempo em que o fenómeno ocorreu. Por isso são considerados palavras mais variáveis entre as palavras variáveis.

Meeussen (1967) citado por Langa (2013) argumenta que a actual estrutura verbal das línguas bantu poderá ter sido o resultado da evolução de uma estrutura verbal hipotética do Proto-Bantu.

Schadeberg (2003), na sua reconstrução do PB afirma que a base verbal é o domínio da derivação a partir da qual vários temas verbais são formados com adição do sufixo flexional final.

A reconstituição de morfemas flexionais particulares continua incompleta. O autor, citando Kamba Muzenga (1981), diz que o autor reconstruiu as seguintes marcas de negação e de tempo:

***nkà-** (pre-inicial) e ***ti-/*i-** (pós-iniciais, opcionais) e ***-à-, *-á, *-ka-** respectivamente. Numa perspectiva fonológica, os clíticos são morfemas presos fixos a todas as palavras ***na-** (associativo) e ***nga-** (acoplado às formas nominais); os enclíticos ***-ini** presos às formas verbais e os locativos ***-po, *-ko** e ***-mo** presos aos verbos.

Nurse (2007) discute sobre a estrutura do verbo do Proto-Bantu (PB) afirmando que é improvável que a forma final do PB que deu origem às línguas bantu contemporâneas tivesse tido uma estrutura completamente analítica, mas que, com o contacto com várias línguas relacionadas tivesse sofrido influência destas e, durante os séculos seguintes, tivesse havido uma cliticização dos diversos componentes e tenha mudado para uma estrutura sintética.

Nesta ordem de ideias, Nurse (2007) adverte que, porque na sua pesquisa partiu de bases que considera incompletas, não se pode afirmar que o Proto-Bantu (PB) tenha tido uma estrutura totalmente sintética, ou que essa estrutura totalmente sintética só se desenvolveu mais tarde, depois que a tal Proto-Língua se expandiu, mas prefere considerá-la sintética por esta ser a solução mais económica.

Os últimos estudos indicam que a estrutura do verbo compreende uma pré-raiz e uma raiz. A pré-raiz é constituída por: sujeito- negativo, o formativo e o objecto, seguido da raiz- extensão-VF, Ngunga (2000) e Siteo (2009) citando Meeussen (1967).

Nesta estrutura, as unidades lexicais que ocorrem na posição pré-radical e os afixos pós-radical, envolvem flexão verbal.

Na subsecção que se segue, apresenta-se as classes e os prefixos nominais de Ciwutee e das línguas bantu em geral, de acordo com a proposta de Meesseun (1967:97). Esses aspectos vão permitir que se compreendam as combinações e concordância das estruturas sintáticas no capítulo a seguir àquele.

3.2.5. Classes e prefixos nominais

Desde os primeiros estudos que reconstruíram a língua hipotética, nomeadamente, Ancient bantu (Bleek, 1862), Ur-Bantu (Meinhof, 1932), Proto Bantu (Meeussen, 1967), Guthrie (1971), a partir da qual teriam derivado as línguas bantu actuais, foram destacadas as classes e prefixos nominais como uma das características principais destas línguas (Ngunga, 2004; Maho 1999a).

Classe nominal⁹ é “o conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou padrão de concordância Bleek (1962). Por sua vez, Guthrie (1967:13) entende que prefixo de concordância ou prefixo dependente é “qualquer elemento prefixado que serve para desencadear o sistema de concordância gramatical”

De uma forma geral, os autores acima apresentam algumas divergências quanto a algumas classes. Analisada a lista de Bleek (1869), conclui-se que ela contém classes e prefixos nominais, desde a classe 1 até à classe 16. Meinhof (1932) acrescenta à lista de Bleek (1932) as classes 17, 18, 19, 20 e 21, ao passo que Meeussen (1967) apresenta uma lista idêntica à de Bleek (1932), mas sem as classes 20 e 21, acrescentando a classe 23 (Langa, 2013:98). Por último, Guthrie (1971) avança com uma lista de classes e prefixos nominais conforme Meeussen (1967), mas que não inclui a classe 23. Veja a tabela abaixo que apresenta classes e prefixos do Ciwutee e das classes retiradas de Meessuen (1967: 97).

Tabela 5: Classe e prefixos nominais de Ciwutee.

Cls	Meeussen (1967:97) Proto- Bantu	Prefs Ciwutee	Exemplo singular e (plural) Ciwutee	Significado
1	*mu-	mu-	mu-nhu, mu-fundi	Pessoa, estudante
2	*ba-	a-	a-nhu, a-fundi	Pessoas, estudantes
3	*mu-	mu-	mu-simbi, mu-manga	Pau-ferro, mangueira
4	*mi-	mi-	mi-simbi, mimanga	Paus ferro, mangueiras
5	*-	ri/Ø-	(ri)-rimi, Ø dima, Ø-tsekuru	Língua, batata-doce, avô
6	*ma-	ma-	ma-(ri)rimi, ma-dima, ma-tsekuru	Línguas, batatas-doces, avôs
7	*ki-	ci/ch-	ci-tiyo, ci-ganda, ci-ronda	Pintainho, tractor, ferida

⁹cf/Guthrie (1967:13)

8	*bi-	zvi-	zvi-tiyo, zvi-ganda, zvi-ronda	Pintainhos, tractores, feridas
9	*n-	N/h-	m-budzi, hozwe, huku	Cabrito, caracol, galinha
10	*n-	N/h-	m-budzi mbiri, hozwe nhatu, huku nomwe	Dois cabritos, três caracóis, nove galinhas
11	*du-	-	-	-
12	*ka-	ka-	ka-munhu, ka-muti	Pessoa pequena, planta pequena
13	*tu-	tu-	tu-anhu, tu-miti	Pessoas pequenas, árvores pequenas
14	*bu-	u-	u-fu, u-royi, u-ci	Farinha, feitiço, mel
15	*ku-	ku-	ku-rura, ku-fuka	Criar, cobrir
16	*pa-	pa-	pa-munda, pa-murambo	Na machamba, no rio (situacional)
17	*ku-	ku-	ku-madzibaba, ku-cigayo	Nos crentes, na moageira (direccional)
18	*mu-	mu-	mu-muti, mu-nvura	Dentro da árvore, dentro de água (interioridade)
19	*pi	-		

Analisando os prefixos nominais do Ciwutee nota-se a coincidência, em grande parte, destes com os prefixos propostos por Meeussen (1967). Veja os prefixos nominais das classes 1, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 15, 16, 17 e 18, por exemplo. Meeussen (op cit) não prevê a CL5, realizada por ri/ ou Ø em Ciwutee. Outro dado a notar é que, o autor identifica prefixo da CL11. Esta classe parece não se realizar em Ciwutee. O autor no seu trabalho prevê CL1 até CL19 mas o Ciwutee, até então, contém apenas as Classes 1 a 18, sem as classes 11 e 19.

Em termos gerais, no Ciwutee, as classes 12 e 13 servem para diminutivizar qualquer nome independentemente dos traços semânticos que ostenta.

Outros aspectos observados nesta língua é que existem nomes que deviam ocorrer numa determinada classe tendo em conta os seus traços semânticos, mas que ocorrem em outras classes¹⁰ não previstas. Esta situação leva a concluir-se que, a classe é uma categoria gramatical por excelência, isto é, a sua ocorrência numa determinada classe não tem nada a ver com a semântica.

A secção acima centrou-se na descrição e análise de conceitos, apresenta conceitos operatórios que incrementam a descrição e a análise de processos inerentes à morfologia e à sintaxe. No geral, parece haver estudos consideráveis neste grupo de línguas (bantu), mas

¹⁰Os nomes que fazem referência aos seres humanos, profissões, normalmente ocorrem nas classes 1 e 2, mas esses nesta língua podem ocorrer noutras classes. Por exemplo: [+humano] tsekuru 'avô' (CL5), [+humano] mbiya 'avó' (CL9).

nenhum foi apresentado com este tema em Ciwutee, por isso, julgou-se necessário contribuir com este estudo de carácter teórico-descritivo, à luz do PE.

A secção seguinte apresenta a descrição e a análise dos dados. É nesta fase onde, através dos dados, vai-se mostrar a funcionalidade dos conceitos e a respectiva teoria usada.

CAPITULO IV: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.

O presente capítulo esboça a descrição e a análise dos dados. O mesmo compreende três subcapítulos, nomeadamente: (i) A extensão causativa e passiva em Ciwutee e sua incorporação; (ii) a influência do processo de incorporação na mudança dos papéis temáticos e (iii) a co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee à luz do PE.

4.1. As extensões causativa e passiva em Ciwutee e sua incorporação

A secção pretende apresentar evidências de “incorporação” usando as extensões causativa e passiva, nesta língua. O ponto de partida da Teoria de Incorporação mostra uma ligação entre a palavra e a sua realidade referencial. A teoria postula que as realidades do mundo são associadas às formas linguísticas (palavras) de modo simples, na relação de uma para uma.

O processo de incorporação será analisado usando o verbo intransitivo ‘kuwata’ (dormir).

(6) a. kuwata

ku-wat- a

15-dormir-VF

‘dormir’

Neste exemplo, aparentemente, a palavra kuwata ‘dormir’ não parece ter lacunas. Veja a seguir.

b. kuwata

[ku[wat[-][-]a]

15-dormir-VF

‘dormir’

No exemplo (b), a palavra kuwata ‘dormir’ mostra a possibilidade de acomodar material lexical nas duas lacunas.

c. kuwatisa

[ku-wat[is][-]a]

15-dormir-PAS-VF

‘fazer dormir’

A palavra *kuwata* ‘dormir’ co-ocorre com extensão causativa, isto é, foi incorporada uma extensão à base verbal.

d. *kuwatsiwa/ kuwatswa*

[ku-wat[is][*(i)w*]a]

15-dormir-CAUS-PAS-VF

‘fazer ser passível de dormir’

O exemplo mostra que o verbo *kuwata* ‘dormir’ co-ocorre com duas extensões (causativa e passiva).

e.* *kuwatiwisa/ kuwatwisa*

[ku-wat[*iw*][is]a]

15-dormir-PAS-CAUS-VF

‘sem tradução’

Em (e) mostra-se que, mesmo estando preenchidas as duas lacunas por duas extensões na base verbal, a ordem de ocorrência não é a aceite em *Ciwutee*.

Nesta teoria, a palavra é vista como se fosse um sintagma com núcleo e espaços vazios que podem ser preenchidos por materiais morfológicos, através do processo de incorporação. Assim, no caso das extensões verbais, o núcleo verbal seria raiz verbal (-wat-) com lacunas nas posições adjacentes. As lacunas estão predispostas não só para acomodar morfemas derivacionais, como também para aceitar a sua alternância por regras de movimento (mover-alfa).

Nestes exemplos, como se havia referido, em particular em (a), o verbo ocorre, aparentemente, sem nenhum lugar disponível para acomodar qualquer material morfológico. Em (b e f), estão dispostas duas lacunas para acomodar qualquer material lexical dentro dos parâmetros da língua. Para o caso de (c), a lacuna entre a raiz e a vogal final foi preenchida pela extensão causativa. Em (d), as duas lacunas disponíveis no mesmo paradigma estão preenchidas.

À posição adjacente ao radical verbal está incorporada a extensão causativa e à periferia a extensão passiva, contudo, a inversão da ordem de ocorrência destas extensões nesta língua, cria

estruturas agramaticais como em (e) Ngunga (1999). Entende-se que a inversão da ordem de ocorrência de morfemas incorporados cria barreiras para a efectivação plena do processo nesta língua.

É neste âmbito que se afirma que “a teoria de incorporação enquadra-se na corrente da Gramática Generativa. Os seus princípios são universais, apesar de se poder encontrar parâmetros de variação trans-linguística”.

Assim, uma das questões que a teoria levanta tem a ver com a natureza da ordem de ocorrência das extensões no processo de incorporação, isto é, “possibilidade de combinação dos morfemas associados aos diferentes papéis Theta a incorporar num predicado/verbo” (Magona 2016:139). O processo de co-ocorrência será tratado com detalhe no subcapítulo referente à co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee. Veja os exemplos

- (7) a. Mazvarira wawata
 Mazvarira u-a-wat[-][-]a.
 Mazvarira MS.3PS-PSD-dormir-VF.
 ‘Mazvarira dormiu’

O exemplo mostra que o verbo *kuwata* ‘dormir’, selecciona apenas um argumento externo (*mazvarira*).

- b. Mazvarira wawatisa benzi
 Mazvarira u-a-wat[is]a benzi
 Mazvarira MS.3PS-PSD-dormir-CAUS-VF 5-demente (maluco)
 ‘Mazvarira fez dormir demente (maluco)’

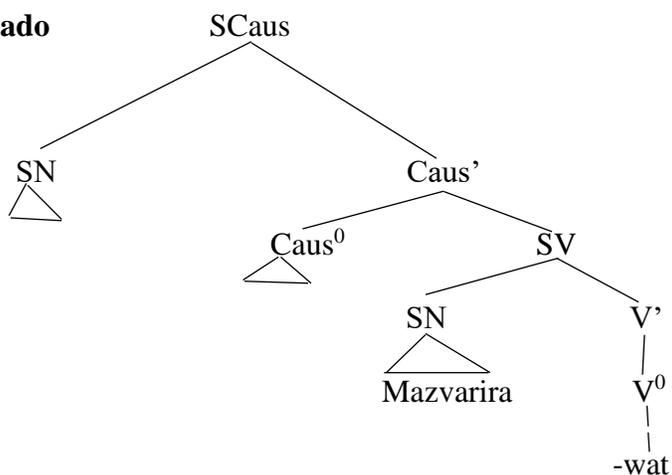
Em (b) mostra-se que a incorporação da extensão causativa à base verbal aumenta mais um argumento na estrutura sintáctica.

- c.*Mazvarira wawat[is]a
 *:mazvarira u-a-wat[is]a
 ‘Mazvarira MS.3PS-PSD-dormir-CAUS-VF’
 ‘Mazvarira fez dormir’

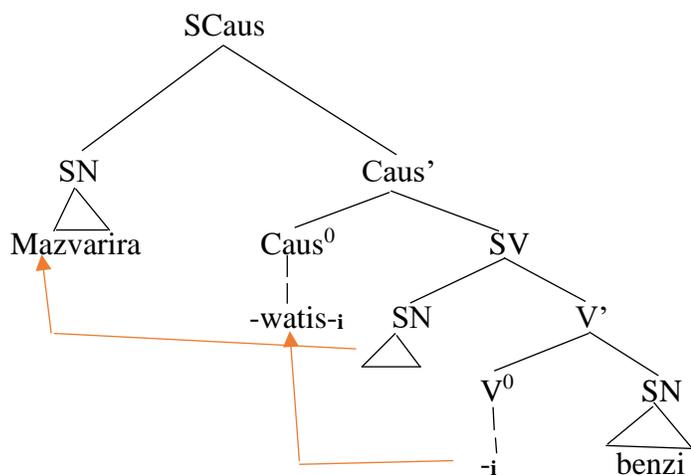
O processo morfológico (incorporação) desencadeia transformações ao nível do léxico-sintático. Depois da incorporação, neste caso aumenta-se o número de argumentos (cf 7b) e, se as informações originárias do léxico não forem realizadas na sintaxe a estrutura torna-se agramatical (7c)

As árvores que se seguem ilustram o processo de incorporação, a partir da extensão causativa (*-i-/-ici-; /-is-)

(8) Frase (f), verbo não derivado



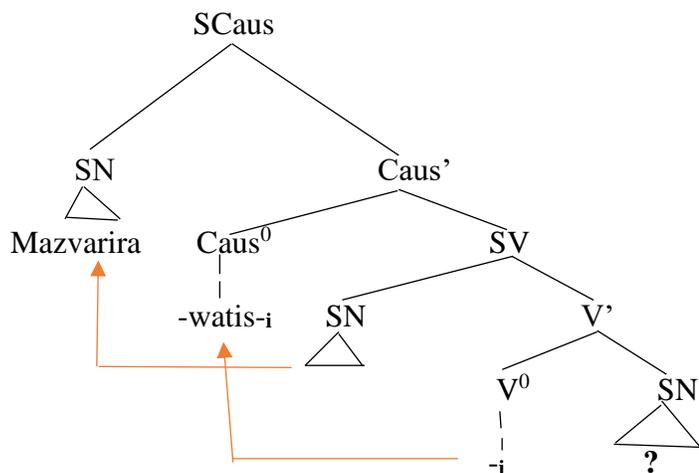
(9) Frase (g), verbo derivado



Na frase (f) o verbo é intransitivo, não co-ocorre com nenhuma extensão verbal. O verbo -wata ‘dormir’ selecciona um argumento externo, realizado por N” (mazvarira). Na frase em (g), o verbo é derivado, co-ocorre com uma extensão causativa. A incorporação da extensão causativa à base verbal altera as propriedades de selecção categorial da base verbal formada. Uma das alterações inerentes ao processo de incorporação é o aumento de mais um argumento à estrutura sintáctica.

Antes deste processo, o núcleo selecciona um argumento (externo), depois da incorporação, a base formada passa a seleccionar mais de um argumento, neste caso, o argumento interno, realizado por N” benzi ‘demente. Na frase em (g), o núcleo lexical -wat [-]a move-se da posição [V° V’] lugar mais baixo da árvore para a posição [Caus° Caus’], nível mais alto da árvore. É neste nível onde ocorrem os processos morfológicos -wat[is] a ‘fazer dormir’.

(10) Frase (h), verbo derivado*



Depois da incorporação, a sintaxe deve realizar as novas informações emanadas ao nível do léxico. Se isso não se concretizar, a estrutura torna-se agramatical (cf .h) O processo acima mostra a relação entre a morfologia e a sintaxe, tal como afirma Baker (1988 e1985)

A subsecção que se segue debruçar-se-á sobre a extensão causativa, no geral, e, em particular, sobre a causativização morfológica para mostrar a funcionalidade do PE na análise morfossintáctica.

4.1.1 As extensões causativas (*-i-/-ici-; -is-) em Ciwutee

A palavra causativa significa que “causa ou faz alguém fazer alguma coisa” (Mutaka e Tamanji 2000). Segundo Good (2005), o morfema causativo pode incluir, entre outras coisas, a adição de um argumento sujeito causador à estrutura argumental do verbo e aumentar o número de argumentos do verbo, conforme os exemplos (11).

(11) a. Gopito wagadzira mupini wobadza

Gopito u-a -gadzir-a mu-pini u-o Ø-badza

Gopito MS.3PS-PSD-arranjar-VF 3-cabo MS.3-GEN 5-enxada

O Gopito arranjou o cabo de enxada.

b. Gopito wa-gadzirisa muzungu mupini wo badza

Gopito u-a-gadzir-is-a mu-zungu mu-pini u-o Ø-badza

Gopito MS.3PS-PSD-arranjar-CAUS-VF 1-branco 3-cabo MS.3-GEN 5-enxada

‘O Gopito fez arranjar o cabo de enxada ao branco’

c. Jambato wawonesa tsekuru mhene

Jambato u-a-won-es-a Ø-tsekuru m-hene

Jambato MS.3PS-PSD- ver-CAUS-VF 5-avô 9-relâmpago

‘O Jambato fez ver o avô o relâmpago’

Tomando como ponto de partida (11a), às frases (11 b, c), adiciona-se mais um argumento com função sintáctica de objecto primário (OP) ‘muzungu’ e ‘tsekuru’ e com papel temático de afectado, respectivamente.

O verbo *kugadzira* da frase (11a) é transitivo e não lhe está concatenada nenhuma extensão. De acordo com as suas propriedades de c-selecção¹¹, o verbo selecciona um objecto N”,

¹¹cf Chomsky (1981: 36) ...a atribuição de papéis é feita sob regência. As noções de regência e de C-comando (comando de constituintes) são centrais na teoria da Gramática Universal e unificam todo o sistema. Raposo (1992:356), a regência é a relação local que se estabelece entre um núcleo X⁰ e as categorias contidas na projecção máxima XP definida por esse núcleo. Miotto (2004:207) Gramática Generativa. “Uma das propriedades definitória das classes lexicais é a capacidade que os seus membros têm de seleccionar seus argumentos (selecção categorial e secção semântica)”. “C-COMANDO B comanda T e só somente se T for irmão de B ou filho, neto bisneto de B”.

realizado por ‘mupini wo badza’ (cabo de enxada). Em (11b e c) os verbos co-ocorrem com a extensão causativa (is) realizada pelo alomorfe (-is-) em (11b) e (-es-) em (11c). As variações alomórficas verificam-se pelo facto de, nesta língua, ocorrer a harmonia vocálica (Ngunga, 1999.)

As variações alomórficas resultam do processo de harmonia vocálica, como a seguir se apresenta.

4.1.1.1. O processo de harmonia vocálica

A harmonia vocálica é interpretada como um processo pelo qual as vogais de um determinado domínio concordam com um (1) ou mais traços, ou seja, apresentam características semelhantes em termos de altura como alguns autores apresentam (Abaurre & Sandalo, 2008 & Schwindt, 1995, 2002)

Ngunga (1999), olhando para as línguas bantu, argumenta que, em muitas línguas, os morfemas de extensão verbal cujas vogais não são centrais realizam-se através de dois alomorfes, um dos quais com a vogal alta e o outro com a vogal média correspondente. Para Langa (2013:71) harmonia vocálica é um processo que consiste na conversão da vogal alta do sufixo locativo /i/ em vogal média [e], quando a vogal do tema nominal for também média [o].

No dialecto gaúcho, o fenómeno foi desenvolvido em algumas pesquisas, como Bisol (1981) e Schwindt (1995, 2002), demonstrando-se o papel fundamental da presença da vogal alta como gatilho da regra, em sílaba subsequente, e seu *status* morfológico, como parte integrante da raiz ou de um sufixo.

Quanto às variáveis controladas sugeridas por Schwindt (2002), foram observadas: (i) na relação vogal alvo e gatilho – contiguidade e homorganicidade; (ii) na constituição da vogal alvo – nasalidade; na constituição do gatilho – tonicidade e localização no sufixo.

Em relação à contiguidade, houve aplicação do processo em 83,46% das possibilidades de produção quando a vogal alvo era contígua ao gatilho, como nas palavras b[u]nito, c[u]mida, c[u]ruja, f[i]dido, f[u]rmiga e s[i]gura. A situação que o autor apresenta ocorre ao nível superficial (fonético).

A Harmonia vocálica é uma característica gramatical de algumas línguas, sobretudo as do ramo fino-úgrico como o húngaro. No húngaro, por exemplo, uma raiz que contenha uma vogal posterior, como *á*, exigirá sufixos que possuam vogais posteriores; por exemplo, a raiz **hát** ‘de trás’ forma as palavras *hátunk* ‘nossas costas’ e *háton* ‘sobre nossas costas’. Igualmente uma raiz que contenha uma vogal anterior exigirá sufixos que possuam vogais anteriores: a raiz **hét** ‘semana’ forma as palavras *hétünk* ‘nossa semana’ e *héten* ‘semanal’ Nevins (2009). Na perspectiva de Ngunga (2000) harmonia vocálica é vista como a elevação das vogais pretônicas /e/ i /o/ por influência de uma vogal alta em sílaba subsequente, (Abaurre, M. *et al* 2008).

Em Ciwutee, a harmonia vocálica faz com que a altura da última vogal da base verbal condicione a altura da vogal da extensão verbal. Veja alguns exemplos:

(12)a. *kuyim-is-a* ‘fazer parar’

b. *kupfek-es-a* ‘fazer alguém pôr roupa’; [e] vogal media alta, [e] vogal media alta, respectivamente.

c. *Kukamisa* ‘extrair algum líquido’ [a] vogal baixa, [i] vogal alta (a vogal baixa [a] não tem nenhuma ação na harmonia vocálica)

d. *?Kupfek-is-a*; estrutura questionada (estrutura não harmonizada)

e. *?kuyem-is-a* estrutura questionada (estrutura não harmonizada)

Os exemplos (d) e (e) mostram que nesta língua a não harmonização em altura, em bases verbais que terminem em [e] resulta em estruturas agramaticais ou estranhas.

Ainda analisando o processo de causativização, de acordo com Payne (1997) e Cò (2012), nota-se que as construções causativas dividem-se em duas fases: a fase causadora e a fase causada e existe três tipos de extensões causativas: morfológica, lexical e perifrástica/analítica Langa (2014). A causativa morfológica é aquela em que o evento de causação é obtido por meio de um morfema.

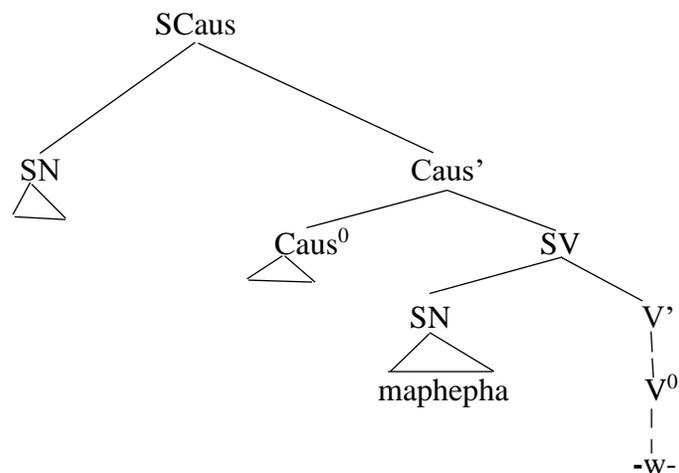
Segundo Waweru (2011) nas causativas lexicais, a noção de “causa” está no significado lexical do próprio verbo. As perifrásticas/analíticas são aquelas em que a causativização é expressa por meio de um verbo causal que ocorre lexicalmente (causa e efeito) Silva (2009) e Cò (2012). Para efeitos deste estudo, apresentar-se-á com detalhe apenas a causativização morfológica.

4.1.1.2. Causativa morfológica

Na construção causativa morfológica a causação é dada por meio de um material morfológico. Nesta perspectiva conclui-se que, existe nesta língua, um morfema causativo que ocorre no paradigma pós-base verbal, realizado por (-is-). A estratégia forma uma construção causal derivada (Cò,2012). Confronte os exemplos 13.

- (13)a. maphepha aawa.
Ma-phepha a-a-w-a.
6-papeis MS.6-PSD-cair-VF
Os papéis caíram

Árvore da frase (13a)



No exemplo (13a), o verbo é intransitivo, não co-ocorre com nenhuma extensão verbal. Tendo em conta as propriedades de c-selecção, selecciona apenas argumento externo maphepha 'papéis'.

b.Ndeka yawisa maphepha.maphepha awa.

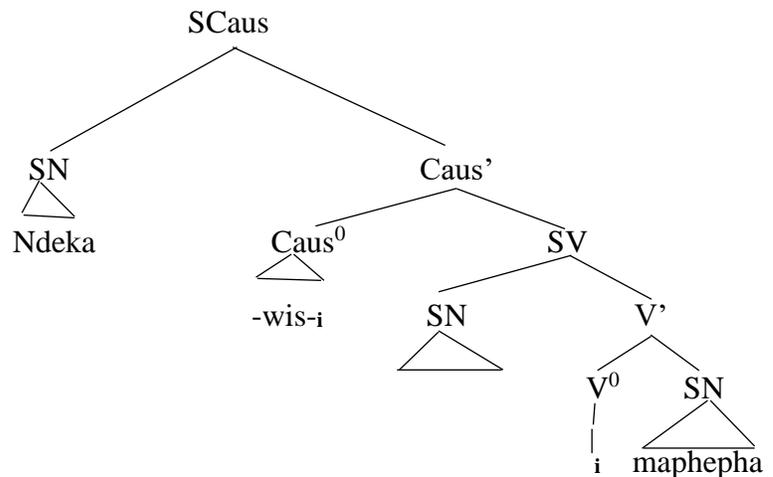
N-deka i-a-w-is-a ma-phepha.ma-phepha a-a-w-a.

9-Ndeka MS.9-PSD-cair-CAUS-VF 6-papéis 6-papéis MS.6-PSD-cair-VF

‘O avião fez cair os papéis’

‘os papéis caíram’

Árvores da frase (13 b)



No exemplo (13b) o verbo -w- ‘cair’ co-ocorre com a extensão causativa (is). Como consequência da aglutinação da extensão à base verbal, alterou o mapeamento sintáctico, -w_v:[-] para -wis_v:[-N’].

(14) a.Thika raruma mbudzi

Thika r-a-rum-a m-budzi

5-hiena MS.5-PSD-morder 9-cabrito

‘A hiena mordeu o cabrito’

b. Tendai warumisa imbwa mbudzi. mbudzi ya rumiwa.

Tendai u-a-rum-is-a i-mbwa m-budzi. m-budzi i-a rum-iw-a.

Tendai MS.3PS-PSD-morder-CAUS-VF 9-cão 9-cabrito 9-cabrito MS-GEN-morder-PAS-VF

‘O Tendai fez morder o cabrito ao cão ’

‘O cabrito foi mordido’

No exemplo (14 b) para além da situação descrita em (13), o verbo -rum- ‘morder’ sai do léxico com propriedade transitiva e, nessa estrutura, co-ocorre com extensão verbal do tipo o+, consequentemente, altera a valência do verbo de II para III.

(15) a. Mabatha awona dzapadzapa

Ma-batha a-a-won-a dzapadzapa

6-patos MS.6-PSD-ver-PAS-VF

‘os patos foram vistos’

b. Dzapatsapa rawonesa cikodzi mabatha. mabatha awoniwa

Dzapatsapa r-a-won-es-aci-kodzi ma-batha. ma-batha a-won-iw-a

5-Cegonha MS.5-PASD-ver-CAUS-VF 6-patos 6-patos MS.6-ver-PAS-VF

‘a cegonha fez ver os patos’

‘os patos foram vistos’

(16) a. Muzukuru wafunda tsika

Mu-zukuru u-a-funda tsika

1-neto MS.1-PSD-aprender 9-cultura

‘o neto aprendeu a cultura’

b. Inini ndafundisa muzukuru tsika. muzukuru wafunda tsika.

Inini nd(i)-a-fund-is-a mu-zukuru tsika. mu-zukuru u-a-funda tsika.

eu MS.1P-PSD-estudar-CAUS-VF 1-neto 9-cultura 1-neto MS.1-PSD-aprender 9-cultura

‘eu fiz aprender a cultura ao neto’

‘o neto aprendeu a cultura’

(17) a. Mukwambo urikutarika bote

Mu-kwambo u-ri-ku-tarik-a Ø-bote.

1-genro MS.1-PRES-15-esticar-VF 5- corda

‘o genro está a esticar a corda’

b. Atvsari arikutararikisa mukwambo bote. mukwambo urikutarika bote
 Atvsari a-ri-ku-tararik-is-a mu-kwambo Ø-bote. mu-kwambo u-ri-ku-tararik-a Ø-bote.
 Mãe MS3.PS-PRES-15-esticar-CAUS-VF 1-genro 5-corda 1-genro MS.1-PRES-15-esticar-VF 5- corda
 ‘a mãe está a fazer esticar a corda ao genro’ ‘o genro estica a corda’

c.*Atvsari arikutararikisa mukwambo[-]. mukwambo urikutararik-a [-].
 *Atvsari a-ri-ku-tararik-is-a mu-kwambo[-]. mu-kwambo u-ri-ku-tararik-a [-].
 Mãe MS.3PS-PRES-15-esticar-CAUS-VF 1-genro 1-genro MS.1-PRES-15-esticar-VF
 *‘a mãe está a fazer esticar ao genro’ ‘o genro está a esticar’

d.*Atvsari arikutararikisa [-] bote. [-] urikutararika bote.
 *Atvsari a-ri-ku-tararik-is-a [-] Ø-bote. [-] u-ri-ku-tararik-a Ø-bote.
 *Mãe MS.3PS-PRES-15-esticar-CAUS-VF 5-corda MS.1-PRES-15-esticar-VF 5-corda
 ‘a mãe está a fazer esticar a corda’ ‘ está a esticar a corda’

Em suma, os exemplos (17) mostram uma situação em que, depois da incorporação da extensão causativa, os argumentos devem realizar-se (cf 17b). A sua ausência resulta numa agramaticalidade, independentemente da sua função sintáctica e do papel temático que cada argumento desempenha na estrutura sintáctica (cf 17c, d). Em (17 c) não ocorre objecto primário e em (17d) não se realiza sintacticamente o objecto secundário.

Os exemplos mostram também que, independentemente das propriedades de c-selecção do verbo de base, a concatenação da extensão causativa altera a interpretação semântica da frase que a contém. A adição da extensão causativa a uma base verbal remete à ideia de causar ou fazer alguém fazer alguma coisa. Esta extensão interfere na atribuição de papéis temáticos e altera as propriedades de c-selecção do verbo de base, isto é, adiciona mais um argumento interno com função sintáctica de objecto primário e com papel temático de beneficiário/afectado. Para evitar equívocos na identificação do papel temático, as três designações (beneficiário/ malficiário/ afectado) podem ser designadas somente por *alvo*.

Partindo dos exemplos acima, pode-se chegar a três interpretações: a primeira é que, o morfema causativo pode ocorrer tanto em verbos transitivos (b, c, d e e) como em intransitivos

(17a). A segunda é que, este morfema pode ocorrer em radicais com estrutura mais simples (-C-) (cf 17b) e em radicais mais complexos (CVCVC), (cf 25b).

Para o caso do Ciwutee, a extensão causativa ocorre no mesmo paradigma previsto na matriz da estrutura do verbo em bantu apresentada por Meeussen (1967) citado por Langa (2013).

Neste processo nota-se que, a agramaticalidade ocorrida em (17 c, d) não depende apenas de papéis temáticos ou funções sintáticas que cada constituinte desempenha na frase, mas sim, do conjunto de informações emanadas ao nível do léxico (c-selecção e s-selecção).

Os exemplos acima mostram que, independentemente, do tipo de verbo e da natureza da sua ocorrência, existe uma relação entre morfologia, léxico e sintaxe como prevê Baker (1985) no PE e Baker (1988) na sua obra *Incorporação*.

Terminada a secção de causativização morfológica, passa-se a apresentar a extensão passiva em Ciwutee.

4.2. Extensão passiva (*-u/-ibu-; (i)w-) em Ciwutee

A construção passiva em Ciwutee é realizada pela adição de **-(i)w-** a uma base verbal imediatamente antes da vogal final, isto é, entre a base verbal e a vogal final. Esta extensão, normalmente, modifica, tanto a interpretação semântica do verbo como também a valência do verbo.

No tocante à valência, “o objecto gramatical (agente) da acção descrita transforma-se em objecto sintáctico” (Mutaka e Tamanji 2000: 180). Em Ciwutee, esta extensão pode- se realizar em **-iw-** ou **-w-**, dependendo da variante em uso (cf 18).

(18) a. kupfupfa

Ku-pfupf-a

15 escovar-VF

‘escovar’

b. kupfupfiwa/kupfupfwa

ku-pfupf-(i)w-a

15-escovar-PAS-VF

‘ser escovado’

(19) a. kukama

Ku-kam-a

15-exprimir-a

‘exprimir’

b. kukamiwa/ kukamwa

ku-kam-(i)w-a

15 exprimir-PAS-VF

‘ser exprimido’

(20) a. kumeya

Ku-mey-a

15-cascar-VF

‘cascar’

b. kumenyiwa/ kumeywa

kumeny (i)w-a

15-cascar-PAS-VF

‘ser cascado’

(21) a. kuswuta

Ku-swut-a

15-chupar-VF

‘chupar’

b. kuswutiwa/ kuswutwa

ku-swut-(i)w-a

15-chupar-PAS-VF

‘ser chupado’

Em todos os verbos extensos (18a, 19a, 20ª e 21a) estes não ocorrem com nenhuma extensão mas em (18b, 19b, 20b e 21b), ocorrem com a extensão passiva. A extensão ocorre no paradigma pós-base verbal, entre a raiz verbal e a vogal final.

4.2.1. Extensão passiva em verbos transitivos de valência II.

A extensão passiva, quando ocorre numa base verbal transitiva de valência II, o objecto com função sintáctica de objecto primário e com papel temático de afectado/alvo é promovido para a posição N” sujeito e o sujeito da frase activa é demovido para uma posição menos importante (desempregado), com exigência secundária na estrutura sintáctica.

No geral, o constituinte promovido passa a ser o desencadeador de concordância na estrutura sintáctica. Veja os exemplos:

(22)a. mukwambo] waswut-a **mutu**

[_F[N”_{SUJ.AG} mu-kwambo] [V”[V’ u-a-swut-a [_{N”_{OP.T}} **mu-to**]]]]

1-genro MS.3PS-PSD-chupar-VF 3-molho

‘O genro chupou o molho’

b. **mu-to** waswutw-a [_{GEN”}(ngo mukwambo

[_F[N”_{SUJ.T} **mu-to**] [V”[V’ u-a-swut-(i)w-a [_{GEN”}(ngo mu-kwambo)]]]]

3-molho MS.3PSD-chupar-PAS-VF GEN 3-genro

O molho foi chupado pelo genro’

O objecto *mutu* ‘molho’ na frase (22a), gerado na posição [SN V’], foi movido dessa posição para o lugar de sujeito [N” F] e o constituinte que ocorria no paradigma de sujeito passou para a posição final da frase.

(23) a. Acasara aatenga **dzoma**
 [F [N^{''}/SUIJ. AG acasara] [V^{''}[V^{''} a-a-tenga-a [N^{''}/OP.T **Ø-dzoma**]]]]
 acasara MS.3PS-PSD-comprar-VF 5-dzoma
 ‘o senhor Casara comprou gazela’

b. **Dzoma** ratengwa nga casara
 [F [N^{''}/SUIJ.T **Ø-dzoma**] [V^{''}[V^{''} r-a-teng-(i)w-a [GEN^{''}(nga casara)]]]]
 5-gazela MS.5-PSD-comprar-PAS-VF GEN casara
 a gazela foi comprada por Casara’

(24) a. Agwitigwiti aabik-a **dzoma**
 [N^{''}/SUIJ. AG agwitigwiti] a-a-bik-a [N^{''}/OP.T **Ø-dzoma**]
 Agwitigwiti MS.3PS-PSD-cozinhar-VF 5-gazela
 a senhora Gwitigwiti cozinhou a carne de gazela’

b. **Dzoma**] rabikiwa [GEN^{''}nga gwitigwiti
 [N^{''}/SUIJ.T **Ø-dzoma**] [V^{''}[V^{''} r-a-bik-iw-a [GEN^{''}(nga gwitigwiti)]]]]
 5-gazela MS.5-PSD-cozinhar-PAS-VF (GEN gwitigwiti)
 a carne de gazela foi cozinhada por Gwitigwiti’

(25) Aduzya] aary-a **dzoma**
 [N^{''}/SUIJ. AG Aduzya] a-a-ry-a [N^{''}/OP.T **Ø-dzoma**]
 aduzya MS.3PS-PSD-comer-VF 5-gazela
 ‘Duziya comeu a carne de gazela’

Os exemplos (23, 24, 25) mostram que o objecto passivizado passa a controlar a concordância na estrutura sintáctica. O objecto promovido para o paradigma de sujeito, mantém o papel temático e muda a função sintáctica (23b, 24b).

b.*[**Dzoma**] aaryiwa nga duzya

*[_F[N^o]_{SUJ.T} Ø-dzoma] [_V][_V a-a-ry-(i)w-a [_P](nga duzya)]]]]

*5-gazela MS.6-comer-PAS-VF GEN duzya

‘A carne de gazela foi comida por Duzya’

A frase (25 b) mostra que, se o verbo não copiar a marca (CL5) do constituinte promovido para o paradigma de sujeito, a frase torna-se agramatical (25b). A seguir apresenta-se verbos de valência III.

4.2.2. Extensão passiva em verbos transitivos de valência III.

Os verbos de valências três, normalmente seleccionam dois complementos (argumentos internos) e um externo. Veja os exemplos:

(26) a. Casara aakwededza ana kubaba
 [_F[N^o]_{SUJ. AG} acasara] [_V][_V a-a-kwededz-a [N^o]_{OP.ALV} a-na] [N^o]_{OS.T} ku-Ø-baba]]]]
 acasara MS3PS-PSD-afastar-VF 1-crianças 17-5-pai
 ‘o senhor Casara afastou as crianças do pai’

b. Ana aakwededziwa kubaba ndi acasara
 [_F[N^o]_{SUJ.ALV} a-na] [_V][_V a-a-kwededz-iw-a [N^o]_{OS.T} ku-baba] [_P](ndi acasara)]]]]
 2-ana MS3PS-PSD-afastar-PAS-VF 17-5-pai GEN Casara
 ‘Crianças foram afastadas ao seu pai por Casara’

Em (26a) ocorrem ‘ana’ (crianças) e ‘kubaba’ (do pai) como argumentos internos e ‘Casara’ (nome), como argumento externo do verbo ‘-kwededza’ (afastar).

Na frase (26b), o constituinte ‘ana’ movido desempenhava a função sintáctica de objecto primário, com traço semântico [+humano] na frase em (26a), veja a seguir.

(27) a. Tungunye wapasa mukweguru mutombo
 [_F[N^o]_{SUJ. AG} tungunye] [_V][_V u- a-pas-a [N^o]_{OP. ALV} mu-kweguru] [N^o]_{OS.T} mu-tombo]]]]
 Tungunye MS3PS-PSD-dar-VF 1-sogro 3-remédio

‘Tungunye deu o remédio ao sogro’

b. ***Mutombo** wapasiwa mukweguru ndi tungunye
*[F[N^o/SUJ.T **mu-tombo**] [V^o][V^ou-a-pas-iw-a [N^o/OP.ALV mu-kweguru] [GEN^o(ndi tungunye)]]]]
3-remédio MS.3-PSD-dar-PAS-VF 1-sogro GEN tungunye
‘o remédio foi dado o sogro por Tungunye’

A agramaticalidade da frase em (27b) deve-se ao facto do constituinte movido não reunir condições semânticas para desempenhar a função que lhe é incumbida. Um ser [- animado] não pode ser dado algo que seja [+animado] ou [-animado].

Traço semântico de N^o **Ana** ‘crianças’ [+animado (humano)] (26 a e b)

Traço semântico de N^o **Mutombo** ‘medicamento’ [-animado] (27 a e b)

A seguir vai-se apresentar a extensão passiva em verbos intransitivos.

4.2.3. Extensão passiva em verbos intransitivos.

Os verbos intransitivos podem co-ocorrer com argumentos externos. Embora, geralmente, a passiva ocorra com verbos transitivos. Em Ciwutee ela pode ocorrer com verbos intransitivos, com certas restrições. Veja os exemplos:

(28) a. Bonga rawa
Ø-bonga r-a-w-a
5-gato bravo MS.5-PSD-cair-FV
‘O gato bravo caiu’

b.Cingore wati, kawiwa ngo bonga
 Cingore u-a-ti, ka-w-iw-a [GENⁿ(ngo bonga)]
 Cingore MS.3PSD-disse 17-cair-PAS-FV (GEN. 5-gato bravo)
 ‘O cingore disse caiu-se ’(pelo gato)’

O verbo kuwa ‘cair’ não selecciona obrigatoriamente um complemento (28b).

(29) a. Mhondoro yafa
 Mhondoro i-a-f-a
 9-leão MS.9-PSD-morrer-VF
 ‘o leão morreu’

O verbo kufa ‘morrer’ co-ocorre com um argumento externo e sem nenhum complemento.

b. Kafiwa ngo mhondoro
 Ka-f-iw-a [GENⁿ(ngo mhondoro)]
 17-morrer-PAS-VF (GEN 9-leão)
 ‘morreu-se (pelo leão)’

(30)a. kafiwa
 ka-f-iw-a
 17-morrer-PAS-VF
 ‘morreu-se’

b.Kafiwa nyamasi
 ka-f-iw-a [ADVⁿ(nyamasi)]
 17-morrer-PAS-VF (hoje)
 morreu-se (hoje)’

(31) a. Pafiwa zvinoyipano
 Pa-f-iw-a [ADVⁿ(zvinoyipano)]
 16-morrer-PAS-VF (agora)
 morreu-se (agora)’

b. Mwafiwa	mugirawundi ro mabviti)]
M(u)a-f-iw-a	[N ^o :(mu-girawundi ro mabviti)]
18-morrer-PAS-VF	18-arena
morreu-se	(na arena)'

Nestes exemplos (29b, 30 e 31), mostra-se que a ideia de argumento externo é recuperada pelos prefixos das classes 16, 17 e 18 que ocorrem na posição inicial das bases verbais -f- 'morrer' e -w- 'cair'.

(32) a *Kuwiwa	mugwanza
*Ku-w-iw-a	mu-gwanza
15-cair-PAS-VF	18-caminho
'Sem tradução idiomática possível'	

b. *Kufiwa	mumuti
*Ku-f-iw-a	mu-mu-ti
15-morrer-PAS-VF	18-3-árvore
'Sem tradução idiomática possível'	

Os verbo *kuwa* 'cair' e *kufa* 'morrer' são intransitivos, mesmo assim, foi-lhes sufixada uma extensão verbal passiva (cf. Kipka 2002:50). Neste sentido, é possível dizer que *kufa* 'morrer' exhibe um objecto implícito que é recuperado através do pronome da classe 17 quando o verbo for passivizado (Chimbutane, 2002).

Dada a afirmação de Chimbutane (op. cit.) afirma-se que, o verbo *kuwa* em Ciwutee, também tem as mesmas propriedades que o verbo *kufa*. Todas as unidades que co-ocorrem com os dois verbos (*kufa* e *kuwa*) são de carácter opcional (32a e 33a). Estes verbos podem co-ocorrer com unidades de categoria sintagmática N^o, P^o ADV^o ou Ø. Os verbos em causa, para além de ocorrer com o prefixo da classe 17, nesta língua, podem ocorrer com os locativos *pa-* CL16 e *mu-* CL18, (cf 31 a, b).

Outro dado que se observou foi o facto da extensão passiva não se concatenar a verbos intransitivos que estão ligados ao prefixo *ku-* da classe 15, (cf 32a, b). Na secção a seguir

descrever-se-á os efeitos da co-ocorrência das extensões causativa e passiva, funções sintáticas e papéis temáticos¹² e as respectivas restrições de carácter *ordem de ocorrência*.

4.3. Co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee à luz do PE.

A subsecção anterior mostrou que os sufixos causativos, cuja semântica, segundo Cocchi (2008) é de “cooperação”, isto é: “fazer/ ajudar/ obrigar alguém a fazer algo” e passivo, cuja semântica dita que a acção descrita pelo verbo é realizada sobre alguém, alguém sofre a acção patente no verbo.

Neste trabalho assume-se que o sufixo causativo codifica o evento da causação, enquanto o morfema passivo despromove o sujeito da frase activa. O constituinte movido, passa a ser um complemento de carácter opcional e ocorre no paradigma periférico à direita da frase.

Segundo Ngunga (1999), em línguas como o Ciyao, existem três factores que determinam a combinação e ordenação de qualquer número de morfemas de extensões verbais e seus alomorfes. Esses factores são: fonotáctico, morfotáctico e morfossintáctico. O autor, através de exemplos, mostra que em Ciyao, o factor fonotáctico é determinante na ordenação de extensões verbais, porque determina que sufixo “T” deve ocorrer ou não num contexto fonológico Y. Ngunga (1999) afirma também que, para os casos de alomorfes de extensões verbais qualquer sufixo que termine em /y/ precedido de uma consoante não pode ser seguido de sufixos que não iniciem com /a/.

O factor morfotáctico determina que a co-ocorrência de certos sufixos derivacionais seja restringida a determinadas posições no tema verbal (*idem*). Para a exemplificação, Ngunga (1999) mostra que numa situação em que se quer combinar a extensão impositiva -ik- com outras, esta deve ocorrer imediatamente a seguir ao radical verbal e às outras extensões a seguir a ela. Portanto, este factor determina que sufixo “β” deve preceder ou seguir um sufixo “λ”.

O último factor é o morfossintáctico. De acordo com Ngunga (1999), a co-ocorrência das extensões verbais é condicionada pela maneira como a afixação dos sufixos derivacionais afecta a estrutura argumental inerente ao radical. Assim, “não será permitida a sequência de sufixos do tipo (o-), por serem sufixos que reduzem a valência do verbo, provocando uma situação de

¹²Cançado (2005). O papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento se encontra.

“destransitivização” de bases já “destransitivizadas”. Neste caso, Ngunga (1999) afirma, ainda, que a afixação de um sufixo bloqueia qualquer afixação imediatamente subsequente de outro sufixo. Logo, este factor determina que, cada sufixo altere a base na qual ocorre.

Veja exemplos em Ciwutee que mostram a restrição de co-ocorrência de extensões do tipo (O-):

(33) a. kufa

Ku-f-a

15-morrer-VF

‘morrer’

b. *kufiwika

*ku-f-iw-ik-a

15-morrer-PAS-PSODP

‘Sem tradução’

(34) a. kuwa

Ku-w-a ‘cair’

‘Cair’

b. *kuwiwika

*ku-w-iw-ik-a

15-cair-PAS-PSODP

‘Sem tradução’

Os exemplos mostram que duas extensões do tipo (o-) não devem co-ocorrer num verbo.

(35) a. kuwona

Ku-on-a

15-ver-VF

‘ver’

b. *kuwoniwika.
*ku-on-iw-ik-a
15-ver-PAS-PSUDP
'Sem tradução'

A demonstração em (35b) aponta para um caso de co-ocorrência de duas extensões do tipo (o-) num verbo transitivo kuwona 'ver'.

Os exemplos elucidam e reforçam a análise de Baker (1988), Ngunga (1999) segundo a qual duas extensões do tipo (o-) não podem co-ocorrer numa base. Nesta língua, a constatação mostra que não se deve, "destransitivizar" um verbo já "destransitivizado".

Para além da situação descrita por Ngunga (1999) e Fernando (2008), falando sobre os factores que condicionam a co-ocorrência das extensões verbais, afirmam que, ao discutir este tema, um dos problemas que sempre se colocou é se a abordagem devia ser baseada na semântica, na visão de (Rice 2000); na sintaxe (Baker 1985) ou na morfologia (Bresnan & Moshi 1993; Hyman & Mchombo 1992; e Hyman 2002); (Alsina & Mchombo 1993)

A primeira perspectiva a ser apresentada neste trabalho é a morfológica de Hyman & Mchombo (1992; Bresnan & Moshi (1993); Alsina & Mchombo (1993) que defende que a ordem dos afixos no radical não está directamente relacionada com motivações sintácticas nem semânticas.

A perspectiva semântica é descrita por Bybee (1985), citado por Waweru (2011) e Rice (2000) que defende que a ordem dos afixos derivacionais é determinada pela função semântica e pela abrangência de cada afixo. Por conseguinte, os afixos que têm maior relevância para a acção da raiz do verbo ocorrerão imediatamente a seguir a este.

Por último, a perspectiva sintáctica é defendida por Baker (1985) afirmando que, cada um dos afixos derivacionais afixados ao radical está relacionado com uma operação sintáctica. Por isso, a ordem dos afixos derivacionais reflecte a ordem das etapas de derivações sintácticas que devem ocorrer.

A ordenação dos afixos é determinada pela morfologia (Hyman, 2002). Segundo o autor, as línguas impõem restrições morfotácticas específicas para as quais não há explicação extra-morfológica.

(37) a. kuyima

ku-yim-a

15-parar-VF

‘parar’

b. *Kuyimikiwa

*Ku-yim-ik-iw-a

15-parar-PSODP-PAS-VF

‘Sem tradução’

(38) a. kufa ‘morrer’

Ku-f-a

15-morrer-Vf

‘morrer’

b. *Kufiwika

*Ku-f-iw-ik-a

15-morrer-PAS-PSODP

‘Sem tradução’

A restrição de co-ocorrência em (36 b, 37b e 38b) é resolvida pela combinação correcta das extensões numa perspectiva que permita alternar a adição e a eliminação de argumentos numa sequência positiva-negativa-positiva, (aplicativa, causativa e impositiva); (estativa, passiva, recíproca); negativa positiva-negativa; positiva-positiva-negativa e negativa-positiva-positiva.

Assim sendo, a proposta CARP de Hyman (2002) parcialmente reprovada¹³ por propor uma sequência de extensões verbais como negativa-negativa, isto é, recíproca-passiva, é parcialmente aprovada por propor a sequência do tipo positiva-positiva, ou seja, causativa-aplicativa. Logo, partindo de Ngunga (2004) citando Guthrie (1962), pode-se deduzir que a ordem-padrão das extensões verbais deveria ser CA, como funciona em Ciwutee. Veja os exemplos:

¹³c/Bybee (1985) e Good (2005)

Good (2005) refere que o PE apenas sugere que os morfemas cuja semântica tem um escopo mais restrito para o significado da raiz devem ocorrer mais próximo da raiz do que os morfemas de escopo semântico mais amplo.

Portanto, a ordem e co-ocorrência de afixos podem ser explicadas sob três perspectivas amplas, a saber: sintáctica, semântica e morfológica. Waweru (2011), afirma que as três abordagens dão algumas explicações, embora não de forma conclusiva, sobre a distribuição dos sufixos derivacionais nas línguas bantu.

As três visões apenas lidam com alguns afixos seleccionados. O modelo proposto por Hyman (2002) é baseado na análise de quatro afixos (causativo, aplicativo, recíproco e passivo) mas o de Baker (1988) baseia-se em três (aplicativo, causativo e passivo).

Embora haja abordagens diferentes na análise do processo, percebe-se que o PE pode descrever claramente a ordem de co-ocorrência dos morfemas causativo e passivo em Ciwute e, no meio disso, mostrar a relação entre a morfologia e sintaxe na base da conexão entre os processos de mudança de função gramatical e a incorporação.

- (40) a. Muzeketwa wanonga cikhwama
 Muzeketwa u-a-nong-a ci-khwama.
 Muzekethwa MS.3PS-PSD-apanhar-VF 7-carteira
 ‘Muzekethwa apanhou uma carteira’

O exemplo acima, em (40a) apresenta o evento resultado de um verbo não derivado. Veja a seguir.

- b. Kunseu wanongesa **muzekethwa** cikhwama.
 Kunseu u-a-nong-es-a mu-zekethwa ci-khwama.
 Kunsewu MS.3PS-PSD-apanhar-CAUS-VF muzekethwa 7-carteira
 ‘Kunsewu fez apanhar a carteira a muzekethwa’
- c. **Muzequethwai** wanogesiwa [-]i cikhwama ndi kunsewu.
 Muzequethwai u-a-nog-es-iw-a [-]i ci-khwama ndi kunsewu
 Muzekethwa MS.3PS-PSD-apanhar-CAUS-PAS-VF 7-carteira GEN kunsewu

‘Muzekethwa foi feita apanhar a carteira pelo kunsewu’

O exemplo em (40c) apresenta uma estrutura sintáctica onde a base verbal co-ocorre com duas extensões verbais (causativa e passiva). A estrutura é gramatical porque a ordem de ocorrência das extensões em relação à base verbal obedece a ordem prevista na língua (-CAUS-PAS-).

Na frase (40c), o constituinte com função sintáctica de objecto primário ocorria na sua posição de origem (40b) mas, depois da concatenação da extensão passiva adjacente à causativa, a estrutura da frase alterou-se. Este constituinte moveu-se de [N” V’] para o paradigma de sujeito [N” F], mantendo o papel temático.

Propriedades de c-selecção: -nongesiwa_V: [-N” (GEN” ndi)]

Propriedades de s-selecção: < ALV/AFECT_T (Ag)>

Veja o caso a seguir.

d. *Muzequethwai wanogiwisa [-]i cikhwama ndi kunsewu.

*Muzequethwai u-a-nog-iw-is-a [-]i ci-khwama (ndi kunsewu).

*muzekethwa MS.3PS-PSD-apanhar-PAS-CAUS-VF 7-carteira GEN kunsewu

‘Sem tradução’

A agramaticalidade de (40d) resulta da ordem de ocorrência das extensões em análise, o que prova que a ordem- padrão, que se presume que seja do PB (CAUS-PAS) como Good (2005) e Hyman (2002) previam é correcta. Por sua vez, Baker (1988) afirma que no PE os morfemas cuja semântica tem um escopo mais restrito para o significado da raiz devem ocorrer mais próximo da raiz do que os morfemas de escopo semântico mais amplo. Assim sendo, nesta língua o morfema causativo tem um escopo mais restrito para o significado do verbo (40c), por isso ocorre imediatamente a seguir ao radical e introduz um argumento com o papel temático de (afectado) descrito pelo verbo derivado, enquanto o morfema passivo com escopo mais amplo ocorre depois do verbo derivado.

(41)a. *Muzequethwa]_i wanogisiwa **mukoma** cikhwama GEN”ndi kunsewu.

*[N”/ALV Muzequethwa]_{iu}-a-nog-is-iw-a[N”/ALV **mu-koma**]_i[N”/TCi-khwama[GEN”(ndi kunsewu)].

*muzekethwa MS.3PS-PSD-apanhar-CAUS-PAS-VF 1-irmão 7-carteira GEN kunsewu

‘Sem tradução’

Ao constituinte movido são atribuídas novas funções sintácticas. Este deixa uma lacuna controlada através da co-indexação. Para provar o movimento pode-se fazer apelo ao teste de lacunas¹⁴. Neste sentido, quando se insere o material lexical mukoma ‘mano’, na lacuna deixada, a frase torna-se agramatical, de acordo com as propriedades de c-selecção e s-selecção emanadas ao nível do léxico, através do Princípio de Projecção (cf 41a).

Propriedades de c-selecção: *-nongesiwa v: [-N” N” (GEN”_{ndi})]

Propriedades de s-selecção: * <ALV/AFFECTALV/AFFECT (Ag)>

Noutra perspectiva, constatou-se que, em Ciwutee quando co-ocorrem as extensões causativa e passiva prevalece mais o efeito da extensão passiva na estrutura sintáctica, na medida em que, mesmo na presença da causativa, o objecto primário continua a ser passivizado. Isto pode ser entendido tendo em conta as propriedades inerentes a cada extensão (causativa +o e passiva -o). Nesta ideia, percebe-se que a capacidade da extensão causativa de aumentar mais um argumento na estrutura sintáctica, é neutralizada quando esta co-ocorre com a passiva.

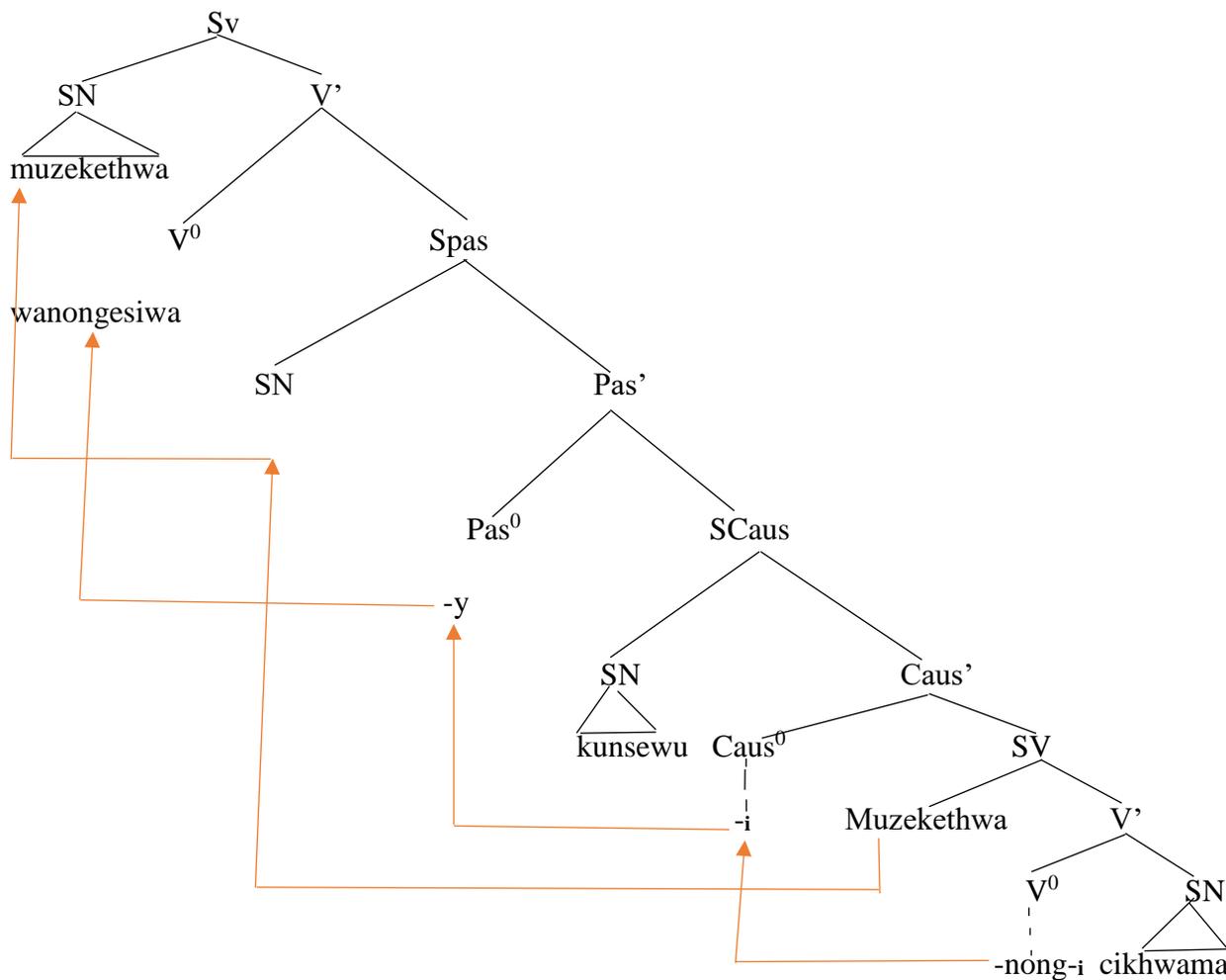
Assim, o resultado dessa ocorrência é a reformulação da estrutura argumental que, por fim, também dará forma à estrutura sintáctica, tal como Baker (1985) afirma, referindo-se à existência de sufixos causativo e passivo, e a forma de combinação poder explicar a relação entre a morfologia e a sintaxe.

Este movimento tem implicações sintácticas na medida em que, primeiro, move a raiz do verbo não derivado para uma posição na árvore, ocupada pelo morfema causativo e, em seguida, move o verbo causativo para o lugar ocupado pelo morfema passivo, criando uma sequência do tipo *-nog-es iw -a* ‘ser causado apanhar por alguém’, veja (40 c).

¹⁴O teste de lacuna consiste em inserir um material lexical da mesma configuração na lacuna deixada pelo constituinte movido. Ver Gonçalves e Chimbutane (não publicado), Cadernos de Morfologia e Sintaxe.

A incorporação destes morfemas, segundo Baker (1988) tem dois tipos de consequências: a primeira é a mudança morfológica <-nog- > *nong-es-iw-* e a segunda é mudança das relações de regência na estrutura, onde o verbo estendido passa a promover o constituinte (OP) para a posição de sujeito, onde passa a controlar a concordância na estrutura sintáctica. A seguir apresenta-se a estrutura argumental da alínea (40c) espelhada pela derivação morfológica no PE.

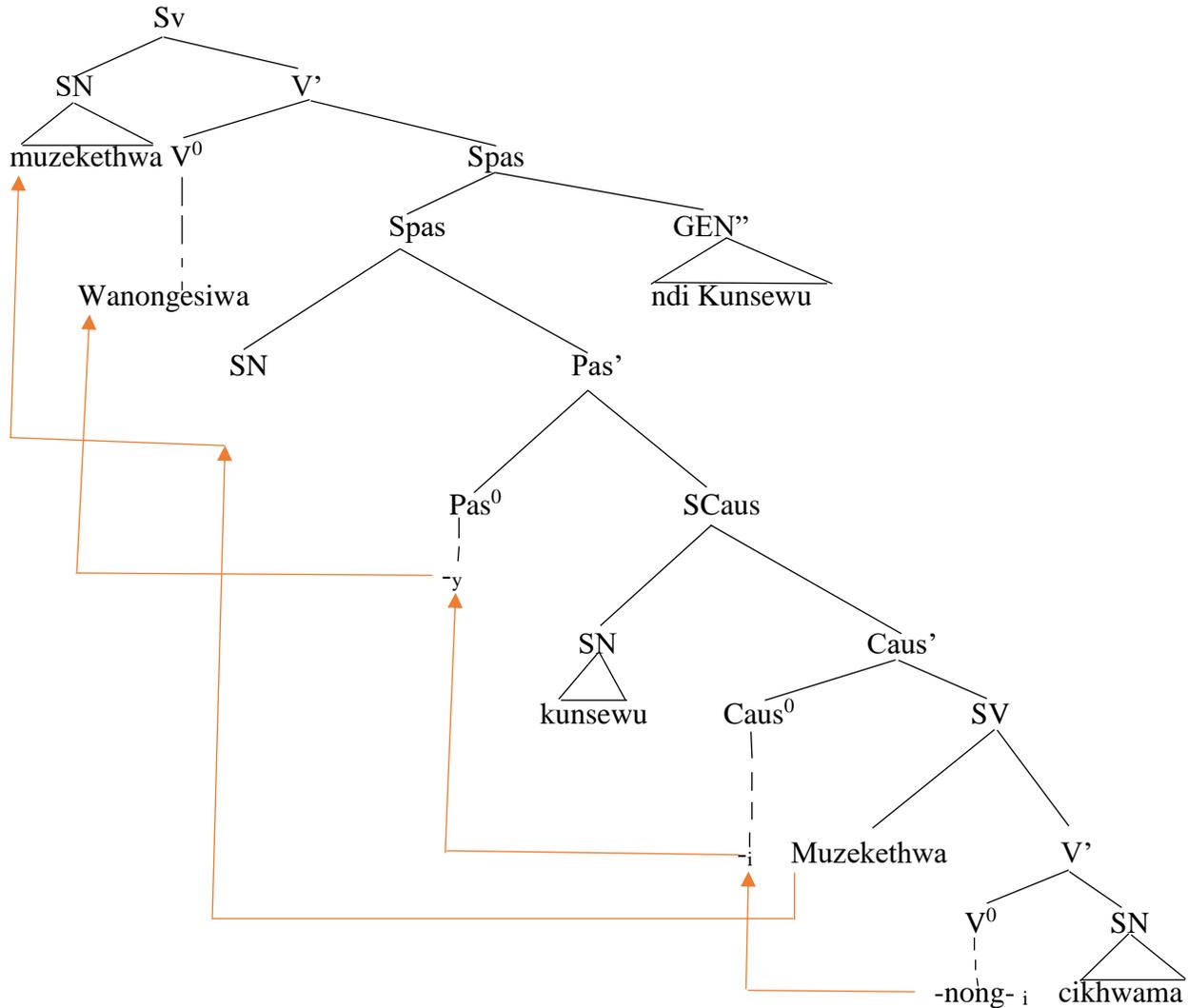
(42). **Árvore da frase:** muzekethwai wa-nog-es-iw-a [-]i ci-khwama (ndi kunsewu).



A estrutura em (42) não co-ocorre com o constituinte 'ndi kunsewu', com propriedades opcionais na estrutura sintáctica. Veja a seguir.

(43) Árvore da frase com constituinte (GEN'') opcional:

Muzequethwai wa-nog-es-*iw*-a [-]i ci-khwama (ndi kunsewu).



As árvores devem ser analisadas da base para o topo. Por analogia, assemelha-se a um edifício em construção que, normalmente, constrói-se a partir da fundação (base) até ao tecto (topo). Estas estruturas mostram três evidências:

Primeira, o morfema passivo não pode figurar antes do morfema causativo;

Segunda, a ordem dos morfemas (causativo e passivo) espelha a ordem dos argumentos e a nova função sintáctica que o objecto primário passará a desempenhar depois da incorporação

da extensão passiva à base verbal. Tendo como referência a árvore, pode-se notar que o constituinte movido, em relação ao tema, passa a ocorrer ao nível mais alto da frase.

A terceira e última evidência, o sintagma verbal que contém o primeiro sufixo verbal (-is-), ocorre ao nível da base e o sintagma verbal que contém o passivo -(i)w- ocorre ao nível do topo da árvore. Neste movimento, primeiro ocorre: *-nong-*, na base que passa para *-nong-is-* no nível médio e por sua vez passa para *-nong-is-iw-* ao nível do topo.

Outro dado importante sobre o qual interessa debruçar-se é o constituinte demovido do paradigma do sujeito da frase activa para o paradigma do sujeito passivo. Este constituinte é configurado na árvore, como sintagma X' opcional. O constituinte demovido, mantém a sua função sintáctica através da partícula GEN, núcleo do sintagma genitivo.

O constituinte (ndi kunsewu), demovido para o paradigma do sujeito passivo, na árvore, ocorre no segundo nível, onde ocorrem processos morfológicos de passivização.

CAPÍTULO V: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. Conclusões

O trabalho analisou as implicações sintáticas da co-ocorrência das extensões causativa e passiva em Ciwutee à luz do Princípio de Espelho (PE) de Baker (1988).

Ciwutee é uma língua aglutinante, visto que, na mesma estrutura podem co-ocorrer vários morfemas que em algum momento dão o estatuto de frase à estrutura formada.

A pesquisa orientou-se tendo em conta os objectivos traçados neste trabalho. Estes permitiram responder às questões que dão corpo ao trabalho, nomeadamente: (i) será que as implicações morfológicas desencadeiam transformações ao nível da sintaxe; (ii) quando é que a incorporação das extensões causativa e passiva incrementa alterações de funções sintáticas, papéis temáticos dos constituintes e a valências de verbos formados. Por fim, (iii) até que ponto o Princípio de Espelho (PE) proposto por Baker (1988) responde à descrição das implicações sintáticas da co-ocorrência das extensões causativa e passiva nesta língua.

A partir dos dados analisados mostrou-se que a extensão causativa tem propriedades diferentes quando comparada à extensão passiva. A causativa aumenta a valência do verbo derivado de base, ao passo que a passiva move e demove os constituintes da estrutura sintáctica.

A causativa pode ocorrer em verbos transitivos ou intransitivos mas a passiva plenamente ocorre com verbos transitivos ou com verbos intransitivos com certas restrições, como se provou ao longo do trabalho. As extensões causativa e passiva nesta língua, alteram a estrutura morfológica do verbo e a interpretação semântica das bases, independentemente das suas capacidades de manter ou alterar a valência do verbo de base. Quanto à estrutura dos verbos, ambas podem ocorrer em verbos do tipo -C- até à mais complexa -CVC- ou mais longas.

Viu-se, igualmente, que a língua em estudo usa diferentes estratégias de causativização, nomeadamente: a morfológica, a perifrástica/analítica e a lexical. Destas, a morfológica é a mais produtiva.

Quanto à ordem de ocorrência de constituintes, esta língua permite uma ordem fixa, principalmente em materiais morfológicos, na incorporação e com certa leveza nos argumentos

internos. A sua inversão cria estruturas agramaticais, para o primeiro caso e ordem marcada para o segundo, de acordo com o contexto e distância sintáctica. Quando co-ocorrem dois complementos com a mesma configuração como complementos de um verbo, o objecto primário (OP) deve ocorrer adjacente ao verbo e objecto secundário à periferia.

5.2. Recomendações

Este estudo analisou processos morfossintáticos de apenas duas extensões verbais, a causativa e a passiva. Um dos focos de análise foi em pensar que até que ponto a morfologia desencadeia transformações ao nível do léxico-sintáctico nesta língua, como ocorre em outras do grupo bantu.

No entanto, dada a importância de estudos teóricos-descritiva nota-se ser necessários mais estudos para, por um lado, descrever as extensões verbais existentes na língua com vista a avaliar até que ponto este modelo teórico (PE) responde a descrição da incorporação e hierarquia das extensões verbais, co-ocorrência das extensões verbais, no verbo.

Para além de estudos morfossintáticos são necessários mais estudos que se enfoquem no uso da língua, a título de exemplo: a morfofonologia, a sintaxe e fonologia, semântica e sintaxe, Estratégias de concordância de SN complexo, a Lexicografia e análise de dados. É assim que se pode acompanhar a dinâmica de estudos de línguas africanas em particular bantu no caso de Ciwutee.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, B. & SANDALO, F. (2008). *A vogal /a/ como segmento debucalizado em português*. Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL, Montevideu. CD ROM.
- ALSINA, A. (1999). Where's the mirror principle? *The Linguistic Review*, 16 (1). Pp: 1-42.
- ALSINA, A. e MCHOMBO, S. (1989) *Object Asymmetries in the Chichewa Applicative*. University of California, Berkeley.
- AMARAL, L. (2009). *A causativização de verbos inacusativos*. Seminário do GEL, 57. São Paulo.
- APPOLINÁRIO, F. (2004). *Dicionário de Metodologia Científica: Um Guia para a Produção do Conhecimento Científico*. São Paulo: Editora Atlas.
- BAKER, M. (1988a). *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- BAKER, M. (1988c). *A Theory of Grammatical Function Changing*. University of Chicago.
- BAKER, M. (1988c). *Theta Theory and the Syntax of Applicatives in Chichewa*. Natural Language.
- BAKER, M. (1985). *Linguistics Inquiry*. Cambridge: The MIT Press.
- BAKER, M. (2002). Building and merging, not checking: The nonexistence of (Aux-) SVO languages. *Linguistic Inquiry* 33: 321-328.
- BAUER, L. (1988). *English Word Formation*. Cambridge: Cup.
- BISOL, L. (1981). *Harmonização vocálica*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BISOL, L. (1989) *Vowel harmony: a variable rule in Brazilian portuguese*. Language Variation and Change 1, p. 185-198. Cambridge University Press.
- BISQUERRA, R (1989). *Métodos de investigación educativa: guía práctica*. Barcelona: Ed. CEAC.
- BLOOMFIELD, L (1939). *Menominmorphophnemics*. *Travaux du Cercle linguistique de Prague*8, 15-105.

- BLEEK, W. (1862). *A Comparative Grammar of South African Languages*. London: Trübner.
- BRESNAN e MOSH, L (1990). *Object asymmetry in comparative Bantu Syntax*. *Linguistic Inquir*21:2,147-182.
- BLOOMFIELD, L. (1933). *Language*. New York: holt.
- BRESNAN, J e MOSHI, L. (1990). *Object Asymmetries in Comparative Bantu Syntax*. URL. MIT Press.
- BURZIO L (1986). *Italian Syntax. A Government-Binding Approach*, Dordrecht, Reidel.
- BYBEE, J. (1985). *Morphology: A Study of the Relation Between Meaning and Form*. Amsterdam: John Benjamins. Cambridge: Cambridge University Press.
- CANÇADO, M. (2008). *Manual de semântica noções básicas e exercícios* 23 edição revisada.
- CARSTAIRS, A. (1992). *Current Morphology*. London: Routledge. CHABATA, E. (2007). *The Nambya Verb with Special Emphasis on the Causative*. Unpublished PhD Thesis. University of Oslo.
- CHIERICI, P. (2008). *Distinção Morfossintática Entre Verbos Inergativos e Inacusativos*. UFMG.
- CHIMBUTANE, F. (2002). *Gramatical Function in Changana: Types, Properties and Function Alternations*. Australian National University.
- CHIMBUTANE, F. (2012). *Panorama Linguístico de Moçambique: Análise dos Dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação. 2007*. Maputo. Instituto Nacional de Estatística.
- CHOMSKY N. (1970). *Remarks on Nominalization*. In Jacobs, R. and Rosenbaum, P. S. (eds.) *Reading in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn.
- CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press.
- CÒ, J. (2012). *Causativização em crioulo de Guiné-Bissau*. Dissertação de Licenciatura (não publicada). Universidade Federal de Minas Gerais.
- COCCHI, G. (2008). “*Verbal Extensions in Tshiluba*”. *Língua*(1). Pp:75-89.

- CUNHA, C e CINTRA, L. (2005). *Nova Gramática do Português*. Lisboa. Pp:119-150.
- DAMONTE, F. (2007). *In The Mirror Principle and the Order of Verbal Extensions: Evidence from Pular*. Universita di Padova. Department of Linguistics. University of Texas at Austin.
- DI SCIULLO, A and WILLIAMS, E (1987). *On the Definition of Word*. Cambridge, MA: MITI Press.
- DIERCKS, M. (2010). *Agreement With Subjects in Lubukusu*. Unpublished PhD Thesis. Georgetown University.
- DUBOIS et al. (2006). *Dicionário de linguística*. São Paulo: Editora Pensamento-cultrix.
- ELWELL, R. (2006). *Reexamining Lexical Integrity: The Case of Verbal Extensions in Bantu*.
- FARIA, et al. (1996). *Introdução à Linguística Geral*. Lisboa: Caminho.
- FARIA, I. H. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. 2a Edição. Coimbra: Almedina.
- FERNANDO, M. (2008). *An analysis of verbal affixes in Kikongo with special reference to form and reference*. Unpublished PhD Thesis. University of South Africa.
- FIORIN, J. L. (2012). *Introdução à Linguística II: Princípios de análise*. 5a Edição. São Paulo: Contexto.
- GOOD, J. (2005). *Reconstructing morpheme order in Bantu: The case of causativization and applicativization*. Germany: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology.
- GUTHRIE, M. (1967). *Classification of the Bantu Languages*. London: Pall Mall.
- GUÜLDEMANN, TOM. (2003). Grammaticalization. In Derek Nurse & Gérard Philipson. (eds). *The Bantu Languages*. Rutledge Language Family Series. New York. PP182-20.
- HALE, K. and KEYSER, S. (2002). *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press.
- HARRIS, A. (1984) Inversion as a rule grammar: Georgian evidence. In Perlmutter and Rose (ed.).

- HOCKETT, C (1958). *Two models of gramatical describiction*. In: Joos (ed.).
- HYMAN, L. (2002). *Suffix ordering in Bantu: a Morphocentric approach*. Rutgers Optimal Archive (ROA), article n° 506-0302.
- HYMAN, L. (2003). “Suffix Ordering in Bantu: a Morphocentric Approach”. In G. Booij and J. Van Marle (eds.). (2002). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. Pp. 245-281.
- HYMAN, L. (2007). *Reconstructing the Proto-Bantu Verbal Unit: Internal Evidence*. Berkeley: University of California. Pp. 201-211.
- <http://www.ethnologue.com>. (visitado em 11/04/17).
- INE, (2010). *Dados do Recenseamento Geral da população*. www.ine.gov.
- INE, (2009) *Resultados preliminares do Recenseamento geral da população de 2007*.
- KATAMBA, F. (1993). *Morphology*. London: St. Martin’s Press.
- KATUPHA, J. (1991). *The Grammar of Emakhuwa Verbal Extensions: An Investigation of the Role of Extension Morphemes in Derivational Verbal Morfology and Grammatical Relations*. Unpublished PhD Thesis SOAS. University of London.
- KATUSHEMERERWE, F. (2013). *Computational Morphology and Bantu Language Learning: An Implementation for Runyakitara*. geboren op 7 juli 1972 te Rubaga. Uganda.
- KIPKA, P. (2002). Slavic passives, Bantu passives, and human cognition. In: *Language universals and variation*, p 41ff. Edited by Mengistu Amberber & Peter Collins. Westport CN: Praeger Publ.
- LANGA C. (2014). *As implicações sintáticas da co-ocorrência das extensões causativa e applicativa em Nyungwe*. UEM. Maputo.
- LANGA, D. (2007). *Verbal Extensions in Changana: A Re-statement*. In Akindele et al. (eds). *LASU: Journal of the Linguistics Association of Southern African Development Community [SADC] Universities*. Vol 3. Linguistics Association of SADC, Pp 51-60.

- LANGA, D. (2013). *Morfologia do Verbo em Changana*. Coleção: “As nossas Línguas X”. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA).
- LIEBER, R. (2010). *Introducing Morphology*. Cambridge University Press.
- LIPHOLA, M. (2001). *Aspects of Phonology and Morphology of Shimakonde*. (Tese de Doutoramento): Ohio: Universidade de Ohio.
- LIPHOLA, M. (2015). *Morfologia de Shimakonde*. Imprensa Universitária. UEM. Maputo.
- LODHI, A. (2002). *Verbal extensions in Bantu *(the case of Swahili and Nyamezi)*. Africa & Asia: Goteborg working papers on Asian and African languages and literatures, 2, Pp 4-26.
- LYONS, J. (1968). *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: CUP.
- MAHO, J. (1999a). *A Comparative Study of Bantu Languages*. (Orientalia et Africana Gothenburgensia 15). Gothenburg: Acta Universitatis Gothenburgensis.
- MAHO, J. (1999b). *A (tentive) verb slot system for Shona*. Comunicação não Publicada apresentada na Universidade de Gotemburgo.
- MARTINS, M. (1991). *Elementos da Língua Nyungwe*. Lisboa: Editorial Além-mar.
- MATAMBIROFA, F. (2003). *A Lexical Mapping Theory Account of the Applicative and Causative Extensions in Shona*. Unpublished PhD Thesis. University of Zimbabwe.
- MATEUS, M.H.M. (1990). *Fonética Fonologia e Morfologia do Português*. Universidade Aberta (Pp. 413-514).
- MATHANGWANE, J. (2001). *Suffix Ordering in the Ikalanga Verb Stem: a case against the Repeated Morph constraint*. South African Journal of African Languages 24. Pp. 396-409.
- MATSINHE, S. (1994). The Status of Verbal Affixes in Bantu Languages with Special Reference to Tsonga: Problems and Possibilities. *South African Journal of African Languages* University of South Africa. Pp. 163-176.
- MCHOMBO, S. (2007). *Argument Binding and Morphology in Chichewa*. In Frederick Hoyt.

- MEEUSSEN, E. (1967). *Bantu grammatical reconstructions*. In: *Africana linguística* 280 III, p 79-121. *Annalen van het Koninklijk Museum voor Midden-Afrika, menselijke wetenschappen*, n 61. Tervuren.
- MEINHOF, C. (1932). *Introduction to the Fonology of de Bantu Language*. Berlin: Dretrich Reimer.
- MITI, L. (2006). *Comparative Bantu Phonology and Morphology: A Study of the Sound Systems and Word Structure of the indigenous Languages of Southern Africa*. Pretoria: The Center for Advanced Studies of African Society (CASAS).
- MOGARA, G. (2013). *Valency Adding Processes in Khoesan: The case of Naro, Ju/hoansi & !Xoo*.
- LASU: *Journal of the Linguistics Association of Southern African Development Community [SADC] Universities*. LASU, Vol. 4, No. 1, June.
- NGONYANI, D e GITHINJI, P. (2006). *The Asymmetric nature of Bantu applicative Constructions*. Michigan University.
- NGONYANI, D. (1996a). *The Morphosyntax of Applicatives*. Doctoral dissertation, UCLA.
- NGONYANI, D. (1999). *XC-movement in Kiswahili relative clause verbs*. *Linguistic Analysis*.
- NGONYANI, D. (2000). *The constituent structure of Kindendule applicatives*. In: Carstens. Parkinson, (Eds.).
- NGONYANI, D. (2003). *A Grammar of Chingoni*. Munchen, Lincom-Europa.
- NGONYANI, D. 1996. *The Morphosyntax of Applicatives*. Unpublished PhD Thesis. Los Angeles: University of California.
- NGUNGA, A. (1999). *Restrições na combinação e ordem dos sufixos verbais em Ciyao*. In: SIMANGO, Aurélio. Ed. *Folha Linguística* 3, DLL/UEM: Maputo, p. 8-18.
- NGUNGA, A. (2000). *Phonology and Morphology of Ciyao Verbs*. New York, Chicago, San Francisco, Toronto, London: Holt, Rinehart and Winston.
- NGUNGA, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.

- NGUNGA, A. (2014). *Introdução à Linguística Bantu*. Imprensa Universitária. 2ª Edição. Maputo.
- NGUNGA, A. e FAQUIR, O. (2011). *Padronização da ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA).
- NURSE, D. (2003). Aspect and Tense in Bantu languages. In Nurse, D and G. Philippson (eds). 2003. *The Bantu Languages*. London and New York: Routledge. PP90 – 120.
- PAYNE, T. (1997). *Describing Morphosyntax*. UK: CUP.
- PERLMUTTER, D (1978). Impersonal passives and inaccusative Hypothesis. *BLIS* 4, 157-89.
- PYLKKANEN, L. (2008). *Introducing Arguments*. Cambridge MA: The MIT Press.
- PINTO, A. C. (1994). *Cognição, Aprendizagem e Memória*. Porto: Edição policopiada do Autor (227 p). (1997, 4ª ed., revista). Capa-Índice.
- RICE, K. (2000). *Morpheme Order and Semantic Scope: Word Formation in the Athapaskan Verb*.
- ROSA, M. (2013). *Introdução à Morfologia*. 6ª edição. São Paulo: Contexto.
- ROSÁRIO, A. (1999). *Cidade de Chimoio: Ensaio Histórico-Sociolinguístico-I*. Coleção Embondeiro.14. Maputo.
- SCHADEBERG, T. (2003). Derivation. In D. Nurse & G. Philippson (eds.). *The Bantu Languages*. London: Routledge.
- SCHWINDT, C. (2002). *A regra variável de harmonização vocálica no RS.* [“The vowel harmony variable rule in Rio Grande do Sul.”] In: Leda Bisol & Cláudia Brescancini, eds. *Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Editora Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. pp. 161–182.
- SCHWINDT, L. C. (1995) *A harmonia vocálica em dialectos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- STOCKWELL, R. (1977). *Foundation of Syntax Theory*. Prentice-Hall. Englewood Cliffs, N.J.

- SILVA, Y. (2009). *As Causativas Sintéticas no Português do Brasil: Novas Evidências a favor da Estrutura Bipartida do SN*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- SINGER, H e SHOHAMY,E (1989). *Second Language Reseach Methods*. Oxiford: Oxford University Press.
- SINGH R, et al. (2006). Struct2net: integrating structure into protein-protein interaction prediction. *Pac Symp Biocomput* 403-14.
- SITOE, B e NGUNGA, A. (2000). *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicana*. Maputo:UEM.
- SITOE, B. (2009). *A categoria das Extensões Verbais em Changana*. *Folha Linguística*. Vol. 14. FLCS. UEM.
- SITOE, B (1996). *Dicionário Changana - Português*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), Ministério da Educação.
- SITOE, B. e A. NGUNGA. (2000). *Relatório do II Seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas*. Maputo: Editora Escolar.
- STEFANIE J, at al. (1998). *Language Files*. Ohio State University Press.
- STEGEN, O. (2002). *Derivational Processes in Rangi*. *Studies in African linguistics*31 (2). Pp. 129-153. Unpublished PhD Thesis. Leiden University.
- SUANA, E. (1999). *Introdução à Cultura Tewe*. Seminário Filosófico Interdiocesano S. Agostinho. Maputo.
- WAWERU, M. (2011). *Gĩkũyũ Verbal Extensions: A Minimalist Analysis*. Unpublished PhD Thesis. Kenyatta University.
- XAVIER, M. F. e M. H. MATEUS, org, (1992), *Dicionário de Termos Linguísticos*, Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Vol. II, Ed. Cosmos, Lisboa.

ANEXO

Ficha de recolha de dados
Guião de entrevista

De acordo com conhecimento que tem sobre o Ciwutee, traduza as frases¹⁵ e assinale com “não” as frases erradas (agramaticais) e com “sim” as certas (gramaticais).

Nome _____

Género: masculino ()/ feminino ().

Idade ().

Ocupação _____

1. Gopito arranjou cabo de enxada

_____ ()

2. Gopito fez arranjar cabo de enxada ao branco

_____ ()

3. Gopito fez arranjar cabo de enxada

_____ ()

4. Jambato viu relâmpago

_____ ()

5. Jambato fez ver avô

_____ ()

6. Galo fez com que o pintainho voasse

_____ ()

7. Militares fizeram com que residentes saíssem da zona das mangueiras

_____ ()

¹⁵ As frases são produto de tradução directa de Ciwutee para português para acomodar a sintaxe e garantir a tradução fiel das estruturas.

8. Tendai fez morder cabrito

_____ ()

9. Tendai fez morder.

_____ ()

10. Mãe está a fazer esticar corda ao genro.

_____ ()

11. Mãe está a fazer esticar corda.

_____ ()

12. Genro chupou molho.

_____ ()

13. Molho foi chupado pelo genro

_____ ()

14. Fiz causar cozinhar medicamento para doente

_____ ()

15. Criança fez com que fosse possível causar cozinhar o medicamento para doente

_____ ()

16. Muzekethwa foi feita apanhar carteira por kunsewu

_____ ()

17. Muzekethwa foi passível de ser feito apanhar carteira por kunsewu

_____ ()